

Gino Delmare

CARNAVAL NA GRANDE PLANÍCIE

(uma comédia em três atos)

PERSONAGENS

Meneceu – professor de filosofia

José de Ribamar – apaixonado por internet

Bilgueite –gordinho, filho de José de Ribamar, 17 anos

Minervina – evangélica, linda morena, solitária, 21 anos

Lucrecia de Alencar – filha de Meneceu

Nereida – Miss Tapioca, sofrida, decepcionada com a vida

Rui, o Boto de Fogo - ex-lutador de MMA

Edu Careca – motorista, coordenador da viagem, mecânico, gago e fanho

Odoacro – Músico beberrão, “O Príncipe do Brega”

Antônio Marbello – Empresário e latifundiário

Netinha, “Lulu Malagueta” - prima de Nereida, 14 anos, escrava sexual

Balconista da boate

Segurança da boate

1º ATO

Cena 1

Alvoroçadas, as pessoas carregam caixas, malas, sacolas de todos os tamanhos e de todas as cores, procurando acomodar suas bagagens no porta-malas de um ônibus bastante antigo e mal-conservado, com o nome estampado na lateral: “BACURITUR – O Norte a seus Pés”. Alguns falam desandadamente, outros, em silêncio, movimentam-se em cena. Um rádio começa a tocar alto:

LOCUTOR (off)

Bom dia, São Paulo! Rádio Eloquência, nossa frequência, sua preferência. Aqui, eu empresto minha voz à sua carência. Bom dia, dona Maria, funerária Santa Luzia, a sua tristeza é nossa alegria! Agora são seis horas e trinta e seis minutos. Hoje é sábado de carnaval, com programação especial. Rádio Eloquência, sua tendência. (entra marchinha de carnaval, “O Pierrô Apaixonado”). *Notícias...*

Cena 2

Interior do ônibus, quatro poltronas (de duas em duas, com espaço de corredor no meio) dispostas frontalmente, suspensas por cordas, como balanços de playground. Bilgueite, Um rapaz gorducho está na poltrona da outra ponta, inquieto, olha pela janela mexendo num celular, comendo salgadinhos e tomando suco em garrafinha. Rui (à janela) e José de Ribamar estão lado a lado.

RUI

(Pausado e triste, com respiração opressa, fala como se seu vizinho de assento o escutasse) É ruim, sabe, sair duma cidade onde você viveu três anos e ninguém vem para se despedir... ninguém aparece pra dar um tchau... um tchauzinho, um abano de mão...

JOSÉ DE RIBAMAR

(Com um fone de ouvido ligado ao celular, ele mexe freneticamente no aparelho; sem escutar o vizinho, mas fala com este como se estivesse escutando) Esse ônibus é uma carniça mesmo! Aposto que não dá trezentos quilômetros e já começa o mau cheiro... quer ver? Viajei num parecido uma vez até Feira de Santana na Bahia. Chegamos bem, bem fedido, o baú e nós; fedido e moído. Pode acreditar, nós vamos chegar pior que isso... você conhece Feira de Santana?

RUI

Nenhum adeus. (suspira) Ninguém vem trazer uns sanduíche de *mortandela*, daqueles porrudão, pra gente comer na estrada com suco de caixinha...

JOSÉ DE RIBAMAR

(completamente indiferente) Quando a gente chega e vê o ônibus, de cara, assim parado, pensa logo: a coisa vai ser bruta, isso não vai chegar, não. Humm, Belém tá longe *pacacete*. Tem baldeação em Açailândia ainda. O moço que organiza a viagem diz que é 50 horas. Sei não. Vamo ver... (mexe no celular)

Num telão, ao fundo do palco, surge a imagem do display de um celular (o aparelho de José de Ribamar), no qual se pode enxergar sendo escrito:

“Ainda tô no aeroporto, esperano o avião decolá. O piloto inda num disse pra desligar os celular. Manda um xero pras meninas do salão de beleza. Diz pra elas que o povo daqui do avião tá tudo olhanu meu cabelo... ficou da hora! Tem de desligar, boa viagem pra mim, né? Mando notícia. Bj.” (ajusta na Rádio Eloquência, que toca em cena, baixinho, música de carnaval. Fala inconformado) Carniça de baú!

RUI

(Desolado e monótono) Nem o Bob Esponja me deu tchau. Mas cachorro não sabe se despedir, não, entende, né?! Eu dei o Bob Esponja pro menino do dono do boteco. O bichinho parecia triste, nem levantou a patinha pra me dizer tchau, nem abanou o rabo...

JOSÉ DE RIBAMAR

(tira o fone de ouvido e o som do rádio diminui) Você também vai pra Belém?

RUI

Vou, vou pra Belém.

JOSÉ DE RIBAMAR

Passar o carnaval?

RUI

Mais ou menos (sorri melancólico). Égua, estou aqui lembrando das coisas, tudo que passei nessa São Paulo. Eu estou é voltando de vez. Terra da gente tem igual não; a gente até tenta se acostumar com a terra dos outros, mano, mas igual meu Pará tem não...

JOSÉ DE RIBAMAR

Então por que essa tristeza toda?

RUI

É, eu devia tá feliz, mas vou nem te contar, mano. Foi tudo só derrota. Eu vim pra cá depois de ser descoberto lutando MMA numa academia de Belém. Um treinador daqui de São Paulo mesmo me viu lutando, ficou doido com minha luta, minha agilidade, minha fúria, eu tava ganhando tudo ali pela Marambaia, pelo Marco, no Jurunas, até em Marabá cheguei a lutar, e ganhei do cara deles, lá! Lá! (ênfatisa o “lá”) Então o cara veio e me fez uma proposta: “Vem comigo pra São Paulo que a gente tem treinadores mais gabaritados, adversários mais fortes e você vai ter condições de crescer na carreira. Se você for bom mesmo, a gente arranja luta até em Las Vegas. O Minotauro, sabe, o Minotauro já passou pela mão do nosso pessoal...”. E quem é que não se empolga com uma proposta dessa? Lutar com os maiores, ficar rico, famoso ajudar a família. Ai minha Nossa Senhora de Nazaré!

JOSÉ DE RIBAMAR

E aí, o que aconteceu?

RUI

(Surpreso) Viu minha perna não, mano? (levanta a barra da calça delicadamente, com dó de si mesmo, e mostra a perna direita enfaixada e prendendo uma tala). Fiquei derrotado. O destino... Sei não... Nada de triunfo, de holofote, da Glorinha dos peito grande e de shortinho, desfilando pelo octógono, com a tabuleta na mãozinha. Um dia nós encostamos as mãos pra comparar o tamanho. Égua! A mão dela cabia toda dentro da minha! Mas é o destino, mano! O mais azedo nisso é que nem foi lutando que fiquei entrevado. Foi um acidente bobo, como diz. Caí descendo a escada de onde eu morava... em São Mateus, conhece? Morava no alto de sobrado em construção e chovia *pacacete*, muito mesmo. Aí desci correndo, porque tava atrasado pra uma reunião com um pica-grossa do MMA – disseram que veio dos Estêites pra me ver lutar... então escorreguei e... (faz uma careta de tristeza e impotência) fratura exposta, mano! No perônio... e ainda teve o fêmur, que trincoou de fora a fora; coisa feia, coisa feia. Seis cirurgias e meu sonho foi tudo embora com a enxurrada, com a chuva daquele dia. Tive então de me virar; aprendi a fazer sacolé e pipoca, pipoca doce inclusive, pra vender pro povo da rua, por onde desse, né?! Não dá pra andar muito. Aí haja fisioterapia também. Coisa dolorida. Até que os médicos me desenganaram de ser atleta e me encaminharam para continuar o tratamento em Belém. Volto mais pobre do que saí de Belém. Só levo umas roupa de marca, comprada antes do acidente, uns tênis e uns boné bacana e.

(Faz uma pausa e completa com autopiedade) E um par de muletas, né? Mas não vou desanimar, não. Mano (fala com convicção duvidosa). Nossa Senhora de Nazaré há de me ajudar. Minha mãe até já fez promessa pra cumprir no Círio, quem sabe na corda. Tudo pra *mim* voltar a andar e lutar; mas antes eu tenho de lutar pra andar.

JOSÉ DE RIBAMAR

Assim é que se fala cabra! Bola pra frente! Aceita um chiclete de canela?

RUI

(Pega o chiclete e prossegue) Sumiu quase todo mundo depois que acidentei. Agorinha mesmo eu estava aqui me perguntando por que não veio ninguém pra se despedir de mim. Parece que eu nunca vivi nessa cidade. (faz cara de choro) Parece que nem meu cachorro me deu tchau, o Bob Esponja, um vira-lata amarelo. A gente chega numa cidade, aprende a gostar das coisas dela, das ruas, dos prédios e até das pessoas a gente se apegam. Paraense faz amizade fácil. Fiz muito amigos aqui em Sampa... ou achei que tinha feito. Tinha uma menina, moça de família, sabe? Eu pensava que era namoro sério... (cala-se e soluça seco, olhando pela janela do ônibus). Sol bonito, né?

JOSÉ DE RIBAMAR

E ela?

RUI

Ah, maninho, essa foi minha primeira decepção. Ela foi a primeira a cair fora. Quando percebeu que eu não podia mais pisar no octógono, combater, ficar famoso, enricar, humpf! Viu que eu fui até o fundo do poço. Me viu vendendo pipoca e pegou a outra calçada.

JOSÉ DE RIBAMAR

Safada, né! (hesita um pouco) Quer dizer, desculpe falar assim, nem sei se você ainda gosta dela. (Pausa) Mas se você ainda ama a garota... o amor tudo perdoa.

RUI

Não, eu não perdoou não. A gente *noivamos* no ano passado. Eu era um noivo bacana, principalmente, considerando que eu tava cercado de mulher pra todo lado... tinha a gostosa do octógono, a das mão pequena e dos peito grande, que, se eu quisesse, sabe?! E a *muleca* diz que me ama, diz que quer casar e depois finge que não me vê e some só porque... (embarga a voz) só porque me viu vendendo pipoca e caminhando de muletas? Aí isso dói, maninho.

JOSÉ DE RIBAMAR

Safada! (solidariza-se exageradamente) Gente assim só pode ser chamada disso... (fala alto, com raiva, exaltado) Safada! Vadia! (todos no ônibus olham pra ele, meio assustados. Desconcertado baixa o tom de voz, fala baixinho,) Se você quiser, eu coloco uma foto dela aqui no meu Facebook pra ela ficar conhecida como aproveitadora. Tenho mais de três mil amigos, já no segundo perfil, e posso pedir para eles publicarem a cara dela, alertar que sair com essa safada é caixão e vela preta! Veja só, que judiação... abandonar o noivo porque quebrou a perna! Você tem foto dela? Foto digital... Rapidinho eu providencio um post de alerta total. Uma hashtag?! Jogo-da-velha-maria-octogono! Não se faz isso com um rapaz trabalhador, honesto, um jovem vocacionado para o vale-tudo! As pessoas têm de tomar conhecimento dessas coisas... isso é serviço de utilidade pública! (pausadamente) Que-fi-lha-da-pu-ta! (todos olham novamente pra ele que, baixa os olhos e faz um gesto levantando a mão como quem pede desculpas)

RUI

Se preocupe, não, maninho. Deixa pra lá. Tem gente que não sabe, mas o amor também fica aleijado, e quando isso acontece, não tem fisioterapia que dê jeito, nem virgem santa nem ninguém...

JOSÉ DE RIBAMAR

(Comprazido e excitado, como quem pergunta se alguém bebe e lhe faz companhia num trago) Você tem Facebook, não tem?

RUI

Tenho, mas não uso muito. Disseram que era pra eu abrir pra quando ficasse famoso, mas não sou fã dessas coisas. Nem sei usar direito.

JOSÉ DE RIBAMAR

Ah, mas você não sabe o que perde. Que pecado! A internet é a grande revolução do nosso tempo; Bill Gates e Steve Jobs, (fala didaticamente) que morreu! São os Gutemberg dos nossos dias. (fala com os olhos arregalados, como um visionário)

RUI

Sei quem é esse Gutemberg, não. Eu tenho um amigo que chama Lindenberg.

Entra Edu Careca, motorista e organizador da viagem. Jovem de seus vinte e poucos anos, gago. Traz uma prancheta na mão, usa boné e óculos escuros. Formal, fala gaguejando e como se repetisse um mesmo texto, monótono e educado.

EDU CARECA

Bom dia a todos. Meu nom.. meu nome é é Eduardo, mas podem me chamar de Edu-du Careca. Eu sou o responsável pela viagem até Belém do Pará. Nossa viagem tem-tem previsão de 48 a 50 horas. Então devemos estar chegando à Cidade das Mangueiras na segunda-feira pela manhã. Quem vai para o carnaval, então, pode aproveitar pelo menos metade da folia. A gente costuma parar o mínimo possível, pra não atrasar a via-viagem: quatro vezes por dia, para as principais refeições. Emergências são emergências, e se houver alguma podem me avisar. Falar em aviso, atenção: vamos usar o banheiro só para o número um; os números dois e outros números, a gente dá-dá uma paradinha no matinho – a jornada é longa, amigos, mas tem paisagem bonita. Os documentos estão todos em ordem (olhando para a prancheta) e pedimos que não descuidem nas paradas para não ficarem para trás. Não tem ar condicionado, mas as janelas do ônibus abrem, proporcionando um vem-vento delicioso. Na internet diz que podemos pegar muita chuva na estrada, principalmente até Goiás Por enquanto, isso é tudo. Vamos fazer uma oração do Pai Nosso. Nós da *Bacuritur* desejamos uma boa viagem.

Um Pai Nosso é rezado em uníssono, respeitosamente, enquanto o cenário muda e entra uma música do período barroco.

Cena 3

Interior do ônibus, poltronas dispostas lateralmente. Quatro poltronas suspensas. Na primeira – da esquerda para a direita –, Odoacro, um rapaz deslumbrado, trajando moda brega, com muito brilho, óculos, cabelos pintados com cor extravagante; na segunda, Nereida, uma bela jovem paraense; na terceira, Lucrecia, pensativa; na quarta, Bilgueite, rapazola comendo chocolate, manuseia o celular displicentemente. Num telão ao fundo, a imagem de paisagens correndo pelas janelas do ônibus e burburinho de gente conversando ao mesmo tempo. Bach continua tocando, com volume mais baixo.

ODOACRO

(Tentando chamar a atenção, depois de observar Nereida levantar-se para arrumar a bagagem, repuxar a minissaia pra baixo e sentar-se) Aêêê, negrada! Lá vamos nós, Belém do Pará. (bate com força no ombro de Bilgueite e o incita a repetir com ele) Aêêê, negrada!

NEREIDA

(Puxando conversa com Lucrécia, que lê um livro) Você vai pra Belém ou vai descer antes?

LUCRÉCIA

(Saindo da leitura, esboçando um sorriso) Hum!? Eu? O quê?

NEREIDA

Você vai para Belém ou desembarca noutra cidade?

LUCRÉCIA

Eu e meu pai vamos pra Belém: (aponta Meneceu). E você?

NEREIDA

Ah, eu, eu vou pra Cametá, mas tenho de passar primeiro por Belém. Você não tem fala de paraense, né?

LUCRÉCIA

Sou de São Paulo. Meu nome é Lucrécia. E o seu?

NEREIDA

Nereida. Sou paraense, mas tava morando em São Paulo. Estou voltando pra casa da minha mãe... (faz uma pausa, esboça um choro, mas detém-se).

A paisagem começa a passar muito lentamente pela janela, como num típico engarrafamento urbano

ODOACRO

(Interrompendo a conversa, sorriso malandro no rosto) E esse ônibus que não anda, hein!? Tá embaçado. (Lucrécia retribui o sorriso, por cordialidade, fazendo um gesto que concorda com o rapaz. Nereida finge que não escutou). Não me importo com viagem longa, mas pelo menos a condução tem que andar, né?

LUCRÉCIA

E o calor tá terrível, meu Deus! A gente já tem duas horas rodando e ainda faltam 30 quilômetro para Campinas. É o povo que vai pro interior passar o carnaval e enche a rodovia de carro, parece um rio poluído de carro.

NEREIDA

E só tem carrão! (vira-se para Bilgueite e pede, com certa autoridade) Ei, rapaz, me dá um pedaço do seu chocolate?

Bilgueite olha bem para a Nereida, estremunhado. Dá um pedaço do chocolate. Ela põe na boca e lambe os dedos. Depois, passa as pontas dos dedos na poltrona da frente, sorri e volta a seus pensamentos.

ODOACRO

Paidégua, mano... nesse ritmo, vamos chegar em Belém só na Páscoa... Aêêê, negrada!

NEREIDA

Que livro é esse que você tá lendo?

LUCRÉCIA

(Mostrando a capa do livro) *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez.

NEREIDA

E é bom?

LUCRÉCIA

Muito bom. Bonito. Tô encantada. Você gosta de ler?

NEREIDA

Só a Bíblia. (fala com tristeza) Minha avó dizia que é o único livro útil. Acho um pouco de exagero, mas não leio os outros porque tenho preguiça. Acho leitura uma coisa pra gente desocupada. Desculpe falar assim, mas a vida tem tanta coisa pra fazer, pra viver; pra que-que eu vou passar meu tempo livre com o nariz dentro de livro? (pausando) Se bem que aqui... a viagem é longa e a gente pode ler um pouco pra passar o tempo. A gente é meio que prisioneiro no ônibus, né?!

ODOACRO

(Se metendo na conversa) Prisioneiro do ônibus e do congestionamento E sem ar condicionado, vira sala da tortura!

LUCRÉCIA

(Meio desanimada em argumentar) É, uma boa leitura pode também ser uma boa viagem.

NEREIDA

(Peremptória) Diz que é, né? Mas eu é que não pago pra viajar em papel. Nunca dei um centavo por um livro e nem pretendo dar. Até a Bíblia, eu só lia de vez em quando pra agradar minha vó, e, pelo que dizia o pastor, para agradar a Deus. Tenho uma até hoje. Minha Bíblia foi presente da irmã Bonifácia. (Pausa) Vovó

dizia que irmã Bonifácia era uma santa. E que o pastor também era santo. E dizia que eles são ungidos e protegidos de Deus. Eu é que sou pecadora, das mais ruim. (pausa) Sou do cão, mesmo!!

LUCRÉCIA

(Insistindo no assunto) Então nem na Bíblia você encontra coisas boas, interessantes?

NEREIDA

Até que você falando assim, eu me recordo que uma vez me emocionei muito. Foi lendo o *Sermão da Montanha*. Neste dia eu estava muito triste, e então eu senti uma coisa que nunca vou esquecer; estava lá: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”. Chorei então só mais um pouco e depois, assim (estala os dedos no ar e dá um sorriso tímido), o choro sumiu, como se alguém tivesse fechado a torneira dos olhos.

Nereida fica olhando pela janela, muito melancólica.

LUCRÉCIA

Não fique assim, amiga. Se Deus quiser, tudo vai melhorar.

ODOACRO

(Parecendo meio embriagado) Aleluia, irmã! Aleluia!

NEREIDA

Mas se Ele não quiser, é melhor, como dizia meu marido, “eu me atirar num poço bem fundo e por uma touca de cimento por cima”. (Cai, então, num pranto convulso e Lucrécia abraça-a para consolá-la e demonstrando irritação, olha para Odoacro).

LUCRÉCIA

Você não devia fazer isto!

Cena 4

Toca música sertaneja. Ao lado do ônibus, fumegando, com um pneu encostado na lateral, sob uma árvore grande, a maioria dos passageiros está sentada no meio fio, comendo sanduíches, salgados ou com marmitex na palma da mão. Num canto, passageiros tomam cerveja numa mesinha de bar. Alguns caminham de um lado pro outro. Meneceu conversa com Edu Careca tranquilamente.

MENECEU

Quanto tempo você acha que nós ainda vamos ficar por aqui?

EDU CARECA

Seu Meneceu, isso nunca aconteceu. Assim, desse jeito não! O pneu explodiu e o motor sofreu um desgaste no retentor, tudo ao mesmo tempo. Agora temos de esperar um ônibus reserva. Meu sócio vem trazendo um de Uberaba Já foi avisado. Acho que não deve demorar muito.

MENECEU

Meu camarada, nós nem saímos do estado de São Paulo e já temos de trocar de carro! Eu entendo tudo isso, mas...

EDU CARECA

Relaxa, seu Meneceu. Nós nos esmeramos sempre ao máximo com a manutenção. Imprevistos acontecem e, infelizmente, a gente ainda não conseguiu renovar a frota.

MENECEU

E quantos ônibus tem a frota?

EDU CARECA

(Fala orgulhoso e enfático) Quantos ônibus tem a frota? Dois. Exatamente este e o outro que vem substituir este.

MENECEU

Então eu deduzo que, se vocês só têm dois ônibus e se este é o principal, o que vem aí é mais detonado do que este. Ou meu raciocínio não... não faz sentido?!

EDU CARECA

Faz sentido, faz sentido sim. O senhor tem toda razão. O outro que vem aí é um pouquinho mais velho, mas nem por isso menos cuidado na manutenção... então com um pouco de sorte (junta as mãos e olha pro céu), a gente pode chegar a Belém com um mínimo de atraso. Inclusive este que vem aí é considerado nosso carro-amuleto.

MENECEU

(Meio incrédulo) rapaz, você prestou atenção no que você disse?...carro-amuleto! Que empresa é essa que precisa de um carro-amuleto? Como é que é isso? E... se vocês precisam de um carro-amuleto para ter garantia da chegada nos destinos, então porque vocês já não colocam ele em todas as viagens?

EDU CARECA

Seu Meneceu, sabe como é que é, o carro-amuleto consome mais combustível e, como diz meu pai, o diesel está pela hora da morte. Não viu no que deu a greve? Tudo por causa do diesel. Bagunçou o Brasil inteiro. E também o carro-amuleto tá precisado de uma reforminha numas poltronas.

MENECEU

(surpreso) Nas poltronas? Então a gente ainda vai ter de ir até Belém nuns assentos mais desconfortáveis do que os desse que quebrou? O que-que tem os assentos?

EDU CARECA

É assim, seu Meneceu, alguns não inclinam muito para posição de repouso, outros só ficam na posição de repouso... ah, e tem também os apoios dos braços...

MENECEU

(com os olhos arregalados), os apoios dos braços!!!

EDU CARECA

Os apoios para os braços da maioria dos assentos tá um pouco prejudicado. Sabe (faz um ar de desgosto), vou te dizer: tem passageiro civilizado, mas tem uns tranqueiras, vândalos, vândalos, seu Meneceu; pois é, os maldito consegue quebrar tudo, até a caixinha do cinzeiro feita de ferro-fundido! Eles põe chiclete na luzinha da leitura, rasga a bolsinha de revista, escarra na parede do banheiro... (respira fundo), um inferno! Mas, para compensar, seu Meneceu, nós temos uma vantagem no carro-amuleto: ele está equipado com um freezer, podemos ter aguinha gelada a toda hora. Vê só que beleza. Podemos guardar suquinho, refrigerante e até o iogurte das crianças... (fala no ouvido de Meneceu, como um segredo) meu sócio não gosta, mas dá até pra gelar uma cervejinha...

MENECEU

Opa, uma cervejinha é bom. Nós vamos pegar muita estrada e muito calor na estrada. O banheiro do carro-amuleto é limpinho?

EDU CARECA

(desconcertado) Banheiro?! Ah, sim, esqueci de dizer. O banheiro foi substituído justo pelo freezer...

MENECEU

O quê? Você tá me dizendo que nós vamos ter de cruzar metade do país sem banheiro no ônibus? Você tem noção de quantos quilômetros nós ainda temos pela frente? (pergunta assustado)

EDU CARECA

(responde com todo orgulho por saber a quilometragem) Tenho sim, seu Meneceu, já fiz esta viagem muitas vezes, faltam mais ou menos 2,500 quilômetros...

MENECEU

(Inconformado) Puta que pariu! Vamos ter de mijar no freezer...

A luz principal corta sobre um canto da cena, e incide onde Odoacro sozinho, sentado a uma mesa de bar, tomando cerveja, e, logo, efusivo, levanta-se, bate palmas, grita e festeja ao ver a chegada do ônibus substituto. Minervina (em pé, com um marmitex na mão) próxima a eles observa-os, atenta. Logo os outros passageiros percebem a entrada do carro e entram, também, na comemoração, como num gol da Seleção Brasileira em Copa do Mundo.

ODOACRO

O bruto chegou! Olha a cara do baú. Chega que vem soltando fumaça preta pelo rabo. Já não era sem tempo. Tô na quinta cerveja e o garçom, incompetente, não botou o *Calypso* pra tocar até agora... (Espreme os olhos e observa mais atentamente para o ônibus) Arre! É essa muxiba que encostou aí? Puta que... (olha para Minervina, que o observa com olhar curioso e refreia o palavrão) Cara, consegue ser mais muxibento que o outro!

MENECEU

(irônico e contente) Mas está rodando, não é mesmo uma belezura!? Vejam só ele entrar triunfante no estacionamento... um monobloco puro-sangue!

MINERVINA

(Mordaz) Não sei por que esta reclamação toda! Quem não pode pagar avião tem de se contentar é com isso mesmo.

JOSÉ DE RIBAMAR

(Voltando-se para Meneceu) Internet num ônibus desses nem pensar, né?

MENECEU

Nem pensar. Mas diz que tem um freezer.

JOSÉ DE RIBAMAR

(inconformado) Freezer?! E quem quer um freezer?

ODOACRO

(Eufórico) Porreta! Dá então pra ter cervas geladas?

MINERVINA

(Despretensiosa) Meu Deus, os bêbados vão tomar conta do ônibus!

MENECEU

Não se preocupe, senhora... como é mesmo o nome da senhora?

MINERVINA

MINERVINA...

MENECEU

Ah, sim, Minervina, não se preocupe, este ônibus não tem banheiro, não dá pra beber muita cerveja sem banheiro.

MINERVINA

Misericórdia! (estarecida) Não tem banheiro! E como é que ficamos, nós, as mulheres, principalmente? (E olhando para Meneceu) O senhor não conhece bêbado? Eles vão fazer o motorista parar de meia em meia hora pra ir ao banheiro.

JOSÉ DE RIBAMAR

(Intervindo com ar de experiente) Ou urinam no chão do ônibus, Minervina; eu já bebi e sei como é que é...

ODOACRO

(Irritado) O senhor está completamente equivocado com relação a nós que tomamos umas geladas. Não somos gente que mijam no chão, não. Eu sou trabalhador, dou duro, sou artista, sou pobre, mas tenho berço. E saiba a senhora, dona... dona Minervina (fala em tom mais baixo), você é novinha, mas tem cara de velha, vou te chamar de dona, saiba a senhora que tenho, sim, condição, de viajar de avião, mas é que tô levando uma moto na bagagem e não posso me separar dela. De avião não dá pra levar no bagageiro. (Resmungando) Povo falador...

MENECEU

(Olhando para o público) Sei não, e ainda faltam 2,500 km.

EDU CARECA

Vamos gente, vamos fazer a mudança das bagagens logo. A gente já está atrasado. (e começa a ajudar os passageiros na tarefa).

Os passageiros começam o trabalho de transferir as bagagens de um ônibus para o outro, numa azáfama agoniada. Alguns sorriem e parecem se divertir, outros fazem cara de total descontentamento. As crianças correm em meio ao tumulto.

Cena 5

O ônibus parado mais uma vez. Agora ao lado de uma goiabeira. Os passageiros colhem as goiabas através da janela do ônibus e comem com satisfação. Os que pegaram as frutas oferecem-nas para os outros, num ar de comunhão silenciosa, quebrada pelo motorista.

EDU CARECA

Gente, meia hora pra quem quiser ir ao banheiro ou fazer um lanche. Pode ir ali naquela birosca. (aponta numa determinada direção) É do seu Alfeu, amigo nosso, lá tem até doce de pequi pra vender.

BILGUEITE

(Com a boca cheia de goiaba) Doce de quê, pai? Eu quero experimentar...

JOSÉ DE RIBAMAR

De pequi. É uma fruta. Vou comprar. (Desce do ônibus)

MENECEU

Filha, eu também vou querer um doce. (diz à mãe, que acaba de entrar)

LUCRÉCIA

Tem picolé de pequi também, olha aqui! (sorridente, mostra picolés que comprou)

MENECEU

(pega o picolé) Muito bom o cheiro!

Meneceu pega um picolé. Lucrécia oferece o último a Nereida, que está calada em seu assento, olhando para o nada.

LUCRÉCIA

Pega este aqui, menina. Eu trouxe este pra você. Não sabia se você gostava de pequi e trouxe um de manga.

NEREIDA

(Com sorriso tímido) Obrigada. Muito obrigada! Gosto muito de manga. (Toma o picolé e tira lentamente o papel). Sabe que faz tempo que ninguém me oferece nada? (Triste, dá uma chupada no picolé). Calor, né? Aqui neste estado de Goiás parece que faz mais calor que no Pará. Abafado, né vizinha... (e chupa, agora, avidamente o picolé, olhando pela janela) Falta muito ainda pra a gente chegar, né, mana?!

MENECEU

(adiantando a informação) Mais de mil quilômetros, menina. Não se agonie, estamos muito longe ainda. Parece que você está com pressa de chegar (fala brincando).

LUCRÉCIA

Deixa a menina, papai. Isso é problema dela.

NEREIDA

Não me importo com as brincadeiras de seu pai. Fica tranqüila, mana. Ele tem razão. Estou com pressa de chegar. Mas o que-que se pode fazer. Não tem dinheiro pra avião... Ninguém nem sabe que eu estou indo. Acho que ninguém me espera já faz tempo... ou me esperam muito. Sabe, mana, eu não saí de casa. Na verdade fugi. Eu cuidava de minha avó já fazia um tempão. Ela tinha sido diagnosticada com Alzheimer, sabe, aquela doença que vai esquecendo tudo, até onde botou a cabeça. Eu só tinha 15 anos, estudava com sacrifício, porque meu tempo todo em casa era pra cuidar dela. Minha mãe tinha de trabalhar como vendedora de bombom na rodoviária, na rua, na feira, por aí. Ela queria até que eu parasse de estudar por um tempo pra cuidar da vovó.

EDU CARECA

(interrompendo todas as conversas) Galera, estamos saindo agora e só vamos parar à noite para janta. E vamo que vamo, com Deus e Nossa Senhora e senta-se ao volante, dando a partida no ruidoso veículo.

Assobios, gritinhos e palmas ecoam de todo canto comemoram a saída do ônibus

NEREIDA

Então, nessa época, veio o concurso de Miss Tapioca, um concurso de beleza da comunidade. Me inscrevi mesmo com toda falta de tempo pra ensaiar os passos,

essas coisas. Umam colegas me ajudaram a arrumar um vestido longo e sapato alto pra concorrer, me arrumaram até biquíni de marca. No dia, ganhei um corte de cabelo no salão de dona Dolores e minha prima Netinha fez minha unha. Tadinha da Netinha, tão novinha, tinha uns 11 anos, e fez a unha com tanto capricho com um esmalte vermelho bordô, sabe? Quando cheguei em casa, minha avó tinha desaparecido. Eu saí desesperada pela rua, atrás dela. De raiva, jurei por tudo quanto é sagrado que, se encontrasse a vovó e desse tempo de me aprontar pro concurso, nunca mais eu ia ficar naquela vida, cuidando de ninguém. Estava cansada, sabe, mana. Eu já estava com 18 anos, não tinha namorado, não podia estudar, não fazia nada que não fosse cuidar da velha. E eu amava minha vó, mas era tudo em cima de mim.

LUCRÉCIA

E seu pai? Você tem pai?

NEREIDA

Pai? Pai eu não conheci. Diz que morreu num garimpo por aí. Minha mãe conta. Diz até que foi bom ter morrido. Aí então, nessa tarde, eu corri por todo canto, sem saber se dava tempo de me arrumar pro concurso, angustiada e sem saber onde foi parar a velha. Mamãe ia me bater até tirar sangue se ela não aparecesse! Começou a chover e comecei a chorar, andando sem rumo. Até que encontrei a vovó, sentada numa praça escura, dizendo que tinha ido tomar sorvete de taperebá, mas não encontrou a sorveteria do Mané Gordo. Corri com a velhinha pra casa, dei banho, troquei a roupa dela e pus ela na cama. Depois cuidei de ir correndo direto pro clube onde tava rolando o concurso. Cheguei descabelada, suada, mas deu tempo pra a arrumar o cabelo e maquiar, meio no sufoco. (faz uma pausa pra jogar o palito de picolé pela janela). Mana, tu acreditas que eu na verdade não acreditava que fosse ganhar? Tinha tanta moleca linda... Eu não achava que tivesse chance! E eu sou pobre. Tinha muita menina de família bem arranjada concorrendo.

ODOACRO

(Com romantismo, interrompendo a conversa, com uma garrafinha de cerveja na mão) Mas você é uma gata! Como é que não ia acreditar? Eu acreditava em tu, podes crê... eu acreditava se eu tivesse lá.

NEREIDA

(Sem dar atenção ao comentário) Então, não é que na hora de dar o resultado o apresentador, um rapaz de roupa extravagante, amigo de minha mãe, que trabalhava no salão de dona Dolores, apontou pra mim, sorrindo. E eu de biquíni e salto alto, tremia e queria chorar, quando recebi a coroa, o bastão dourado e um

manto. Meu Deus! Depois de tanto sacrifício, até que enfim acontecia alguma coisa boa na minha vida. Na verdade, eu queria que minha mãe estivesse lá na hora da minha premiação, mas... o melhor de tudo é que me deram um prêmio em dinheiro, dois mil reais e mais um cupom para ir a umas lojas da cidade e tirar até mil reais em roupas e sapatos, além de uma passagem pra Belém, de ida e volta, com três dias de hotel, tudo pago.

JOSÉ DE RIBAMAR

(Falando alto, comemorando em êxtase) Pegou! Pegou, pegou, pegou! Até que enfim, a internet pegou! Eu já estava me sentindo mal... aqui por perto tem sinal.

ODOACRO

(Apontando pela janela) Olha aqueles prédio lá! É Goiânia... nós não vamos entrar em Goiânia? Que coisa! Queria conhecer Goiânia...

NEREIDA

(Tomando água mineral numa garrafinha e se recompondo para concluir a narrativa. Meneceu e Lucrecia ouviam-na com atenção). O que que eu fiz com meu prêmio de Miss Tapioca? (desabafa num misto de melancolia e alívio) Fui embora pra Belém. Já era maior de idade mesmo! Escolhi as roupas e os sapatos nas lojas, entrei no barco e deixei tudo pra trás: minha vovó gagá e minha mãe amargurada, o colégio, as amigas, tudo! O coração tava pesado. Eu não sabia o que queria, mas sabia o que eu não queria; e achava que meu mundo tava pequeno demais, era menor do que eu. E eu nunca tinha visto tanto dinheiro e roupa nova, e ainda tinha feito a promessa... ah, então eu não recuei não; aí, com dó pensei: “seja o que Deus quiser!”. Mas olha, mana, não fiz aquilo por raiva, por orgulho, por desamor. Fiz por cansaço e, também, por vontade de ver o mundo. Eu era uma menina curiosa.

Começa a tocar a música do Pinduca:

*“Olerê, olará, misturei carimbó e siriá
Carimbó sirimbó é gostoso
É gostoso em Belém do Pará...”*

JOSÉ DE RIBAMAR

(Com fone de ouvido e olhando para a tela do celular) Cara, esse casamento é a maior baixaria! Olha só! Passo uns dias sem assistir ao “Vale a Pena Ver de Novo” e eu pego logo o casamento do Gianechini! Puts, e a imagem tá limpinha... HD é outra coisa, outra coisa!

MENECEU

E como você foi parar em São Paulo?

LUCRÉCIA

(Com censura comedida) Papai?!!

MENECEU

O que é minha filha? Estou fazendo uma pergunta normal. Ela está abrindo o coração. Estamos entre amigos, não é mesmo?

NEREIDA

Sim, claro, seu Meneceu. (bebeu mais água) Bom, São Paulo foi outra história. Foi depois. De primeiro, fiquei em Belém uns dois meses num hotel. Depois, fui morar pras bandas da Cabanagem. Aluguei uma kitchnet e fui atrás de emprego. Consegui arranjar um como caixa de supermercado. Fiz umas amizades e freqüentava uns barzinhos perto de casa. Até que conheci meu marido (volta a falar com tristeza). Ele era caminhoneiro e me chamou pra morar com e morar com ele em São Paulo. Achei a ideia boa. Estava apaixonada, e mulher apaixonada é uma desgraça, né mana? (esboçando um sorriso e olhando para Lucrécia). Daí fui. Desisti de vez de estudar. E fui levando aquela vidinha. Sempre esperando o marido e sempre pensando em minha mãe e em minha avó. Mas o tempo foi passando e eu, com vergonha, com orgulho, não me decidia a pisar de novo no Pará. Um dia busquei no facebook o nome de uma antiga colega de Cametá, que sempre viveu vidrada na internet e aí consegui notícias de casa. Minha mãe continuava vendendo bombom, mas minha avó tinha morrido. Foi uma paulada. Diz que minha mãe foi até Belém e apareceu com minha foto e meu nome escrito num cartazinho e que apareceu naquele programa de desaparecidos da TV Liberal. Pensei bem... orgulho é coisa besta, né?

MENECEU

Com certeza, minha filha. O orgulho é uma navalha sem cabo.

NEREIDA

(Respirou fundo) Aí, há uns três meses, eu recebi um telefonema e alguém da empresa de meu marido falou que ele tinha sofrido um acidente na BR 101 e que não sobreviveu. Parece que eu morri junto. Queria ser enterrada junto. Sofri mais que tudo. Foi triste. Até revoltada eu fiquei com ele: “Por que aquela peste que eu tanto amava tinha de morrer?!” E resolvi voltar. (pausa) É isso. Fugi pra ver o mundo e fiquei igual a todo mundo; pior que isso: fiquei viúva e cheia de culpa.

LUCRÉCIA

(Apertando suavemente o ombro de Minervina) Fica assim não!

NEREIDA

Alguma coisa valeu a pena... Mas isso é o que mais dói: não sei se me arrependi ou não por ter saído de casa do jeito que saí. Acho que, se a gente não sabe se se arrependeu, é porque não se arrependeu de verdade. (Calou-se por um instante, retornou o olhar à janela do ônibus e disse por dizer, apontando a paisagem) Olha as vaquinhas brancas descansando embaixo da árvore!

Bilgueite come doce de pequi num copo descartável, enquanto toca o “carimbó do Pinduca”.

2º ATO

Cena 1

Noite. Toca agitada. Os bancos pulam com os passageiros, como se o ônibus trocasse.

ODOACRO

(Acordando de ressaca) Que diabo é isso? O baú parece que tá com epilepsia?! Será que vai dá o prego de novo? É buraco, seu tonto! Buraco na estrada! (E tem ânsias de vômito).

RUI

Buraco né não! Num tá vendo que o ônibus trota todinho. Buraco é quando vai prum lado e vai pro outro e depois parece que cai e sai devagar do buraco. Isso agora é o motor, gente! Segura aí, mano, num vai vomitar aqui, pelo amor de Deus... (falando para Odoacro) Em último caso, põe a cabeça pela janela e vomita pra baixo. E cuidado pra não entrar pela janela do vizinho de trás. Pega vento que melhora.

ODOACRO

(Parecendo recomposto da ressaca) Eu acho que esse sacolejo é de pneu... já entramo no Tocantins e é o cão que deve de tá fazendo os pneu saltá que nem gazela. Aêêê, negrada! Lá vamos nós, Belém do Pará.

MINERVINA

Vocês se cala! O sangue de Jesus tem poder! O que que cachaça não faz...

ODOACRO

Minervina, irmã, dá o desconto. É carnaval! E nós tamo aqui nessa estrada já tem quase dois dia, no meio desse cerrado que num acaba. Dá o desconto. Se o baú der o prego de novo, eu vou pedir o menino pra abrir o bagageiro e eu vou pegar minha fantasia de capeta. É tudo na brincadeira, irmã Minervina, relaxa! (Cantarola um frevo Rui acompanha, tirando uma garrafa pet de bebida de uma mochila).

MINERVINA

Tá repreendido, em nome de Jesus! Que provação, meu Jesus! (Fecha os olhos e começa a orar até adormecer)

RUI

(Cantarolando, acanhado, o frevo, faz um sinal para que os irmãos lhe deem um copo da bebida) O Ônibus tá pulando já faz é tempo. O motora parece que não quer andar nem quer parar. Esquisito ficar chacoalhando assim. (Recebe um copo da bebida das mãos Odoacro) O que que é isso?

ODOACRO

É cachaça, amendoim e leite moça. Cuidado que a coisa pega! Quiser... tem mais, mano. É carnaval. (voltando-se para Meneceu) O senhor aceita um copo de *leite de onça*?

MENECEU

Leite de onça! Aceito. (faz um gesto com o polegar e olha para Lucrecia) Quer, minha filha, uma bebidinha pra relaxar? Agora é que estamos no meio da viagem.

LUCRÉCIA

(Cansada, responde displicente) Não pai, obrigada. Cuidado, bebida doce é a pior que tem. Engana a gente. Vem docinha-docinha e quando vê a gente já tá de pileque e vomitando. E a ressaca, então, é um suplício.

ODOACRO

(Entregando o copo a Meneceu) E com estes sacolejos... é fatal. Vai com calma seu Meneceu. Não viu como eu fiquei? (Olha pra Lucrécia e põe o indicador sobre os lábios) Xiii, fala baixo, dona Lu! A mocinha ali parece uma velha e já estava enchendo o saco porque desconfiou que a gente pudesse urinar no chão.

RUI

(Interrompendo) Imagina se vomitar!

LUCRÉCIA

(Sorrindo e conversando com Edu Careca) Edu, quando é a próxima parada? Precisamos tomar um banho, jantar de verdade, esticar as pernas. Só de lanchinho não dá pra ficar.

EDU CARECA

Lu, a gente deve parar daqui a uma hora. O carro tá com problema e o motor não pode correr muito, senão pode quebrar na estrada e aí vai ser pior ainda. Um pouquinho de paciência. Neste posto que a gente vai parar tem banho e restaurante-churrascaria.

ODOACRO

Edu, Edu, quer um pouquinho de *leite de onça*? Tá uma delícia. Eu vou tomar outra dose pra melhorar... aliás, já melhorei. (enche um copo e bebe)

EDU CARECA

Obrigado, meu amigo. Posso não, tô trabalhando. Esta viagem tá muito difícil. Pedreira mesmo. Parece que cada parada tem um acerto pra fazer no carro. Agora acho que é suspensão. (suspira, cansado)

Cena 2

Madrugada. Posto de gasolina. Os passageiros estão dispersos pelo restaurante. Passa um vídeo numa tela ao fundo com crianças, fantasiadas de anjinhos, correndo

para todo lado, brincando numa praça típica de cidade do interior. Estas imagens são a reprodução do que está sendo assistido por José de Ribamar em sua TV no celular. Bilgueite está com fone de ouvido, mexendo no celular com uma das mãos e comendo um sanduíche com a outra, sentado à mesma mesa do pai. Minervina esforça-se por ler a Bíblia na mesa que está exatamente no centro do palco. Na mesa num canto estão Meneceu, bocejando, esfregando os olhos e usando óculos gigantes tipo Zé Bonitinho; Odoacro, fantasiado de capeta, com um pandeiro na mão. Rui, com um capacete viking na cabeça e com um triângulo na mão. Todos cantam, conversam e bebem. Lucrecia e Nereida cochilam com a cabeça sobre uma mesa afastada. O ônibus está no concerto há mais de duas horas.

Ainda em tom bem comportado, Rui, Meneceu e Odoacro cantam

“Veja essa maravilha de cenário / é um episódio relicário / que o artista num sonho genial / escolheu para este carnaval / e o asfalto como passarela...”

Continuam cantando, enquanto Meneceu levanta-se e vai até a mesa de Minervina, com um copo na mão e os óculos gigantes na cara. Pede licença para se sentar. Ela aquiesce, um tanto indisposta.

MENECEU

(Formal e sorridente) Senhorita, posso me sentar um pouco. Dá licença?

MINERVA

(Educada e sisuda) à vontade, seu Meneceu. (Enquanto ele se acomoda ela fala despreziosamente) Estou pra perguntar, mas fico sem graça: de onde vem seu nome? É diferente.

MENECEU

Nome engraçado, você quer dizer?

MINERVINA

Bom se o senhor pensa assim, não posso negar. É engraçado mesmo.

MENECEU

Vamos deixar o “senhor” para os mais velhos (sorrindo). Ou melhor: “o senhor está no céu!”.

MINERVINA

Ou ele está aqui, porque, diz a Bíblia, “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome...

MENECEU

(Completando), eu estou no meio deles.” Mateus, capítulo 18, versículo 20!

MINERVINA

(Surpresa) Isso mesmo. O senhor... quer dizer, você conhece mesmo a palavra! Como o senhor, falo senhor por respeito, conhece tanto a Bíblia?

MENECEU

Ela está aí e qualquer um pode ler. Eu sou professor e a Bíblia tem coisas importantes que a gente precisa aprender para ensinar. Aliás, não só importantes, como muito bonitas também. Agora, respondendo à sua pergunta, meu nome foi dado por meu pai em homenagem a um homem da Grécia antiga. Meu pai era uma pessoa curiosa e quando descobriu este personagem, encantou-se por ele.

MINERVINA

O que ele tinha de encanto? Ele era cristão? Evangélico?

MENECEU

Não, não. Ele viveu uns 300 anos antes de Jesus. Meneceu foi aquele que, muitos acreditam, ter recebido a famosa carta do grande filósofo Epicuro, a “carta sobre a felicidade”.

MINERVINA

E o que tem nessa carta?

MENECEU

Esta carta fala que o supremo bem é o prazer. Que a vida deve ser levada com gozo, com a satisfação dos sentidos e sem temor aos deuses e à morte. Para ele a alma é mortal. Quando agente morre, acaba tudo, tudo.

MINERVINA

Misericórdia! E você também pensa desse jeito?

Meneceu balança afirmativamente a cabeça.

Misericórdia! (Abismada) Eu nunca pensei que ia encontrar alguém, assim, de verdade, alguém que não acredita em Deus! Eu já tinha ouvido falar que tem gente assim, já tinha até visto na internet que ateu existe. Mas, em carne e osso, eu nunca

tinha visto. E bem pertinho de mim, conversando comigo (arregala os olhos e observa Meneceu como se estivesse vendo um animal pré-histórico). Eu não sei o que é pior, se a idolatria ou esta coisa... (faz um gesto de repulsa) isso de não acreditar em nada é estranho. Mas, por outro lado...

MENECEU

Por outro lado...

MINERVINA

Por outro lado, você me parece tão legal, tão bom. Tem uns olhos bonitos e brilhantes. É agradável conversar com você. Não parece alguém que tem raiva, grita de ódio. O diabo não te atenta? O nosso pastor disse que satanás só vive tentando ele e que ele tem de santificar jejuando. Você é diferente. Não tem medo do inferno?

MENECEU

O inferno? Não existe. Mas até gostaria que existisse. Quer dizer, eu gostaria que ele existisse, de verdade, só pra quem acredita nele.

MINERVINA

Minha mãe vive dentro da igreja, com medo do inferno. O inferno e o céu não existem? Nós acreditamos no inferno e na salvação... E não é assim, então?

MENECEU

Não, minha cara. As coisas ou existem ou não existem. Olha pro céu. O que você vê? A lua, né? Ela existe para todos. (Abaixa-se, pega uma pequena pedra no chão e a coloca na palma da mão aberta, exhibe-a e pergunta com voz branda). Veja esta pedrinha. Ela existe pra você? (Minervina olha para a pedra e balança a cabeça lentamente, calada, mas confirmando positivamente à pergunta)

MINERVINA

Os cegos não veem a lua. Eles saber que ela existe através de quem pode vê-la. Eles têm fé em quem pode enxergar. E a fé? Onde fica a fé?

MENECEU

A fé é uma coisa individual. Cada um tem sua pedrinha, aquela que quer acreditar. Às vezes um bando de gente se junta pra acreditar na mesma coisa, mas é uma escolha de crença do mesmo jeito. Eu já não tenho fé. Acho que já tive. Não sei. Às vezes até me faz falta ser cristão, menina, acreditar em Deus. Mas Deus e liberdade, me parece, são coisas que não combinam.

MINERVINA

Coisa estranha: tenho quase sempre a sensação de que tem alguém me espiando...
Eu acho que ninguém, nunca, é totalmente livre.

MENECEU

Talvez seja verdade, mas uma coisa é eu ser aprisionado pelo que a vida nos impõe,
outra coisa é abrir mão da liberdade que ainda podemos ter.

MINERVINA

É difícil ser cristão. Às vezes peço a Deus mais liberdade. Tenho vontade de fazer
muita coisa. Sempre que penso assim, me vem à cabeça as palavras “Graças a Deus,
por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente,
sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado”.

MENECEU

Romanos 7.25! Seja feliz, Minervina. Ah, aliás, seu nome é o diminutivo de Minerva
e Minerva era a deusa romana das artes, do comércio e da sabedoria.
Correspondente à deusa grega Atena. (E completa com sorriso aberto) Deus te dê
juízo!

*Rui, coxeando, com o triângulo na mão, e Odoacro com o pandeiro, passam pela
mesa de Nereida e Lucrecia, acordam-nas e fazem-nas entrar na folia. Dudu Careca,
Zé junta-se a eles. José de Ribamar e Bilgueite levantam-se requebrando ao som da
marchinha e suspendem seus celulares, na posição de quem está filmando tudo.
Todos se aproximam da mesa onde estão Minervina e Meneceu, cantando
alegremente a marchinha e os convidam para dançar, entre confetes e serpentinas:*

Eu esse ano vou sair de diabo

Já tenho o chifre

Só falta o rabo

E se você me der o rabo

Vou de diabo pra curtir o carnaval.

*Meneceu se levanta e pega na mão de Minervina para colocá-la na folia. Ela resiste,
levanta-se e sorri pra ele e sai na direção do ônibus.*

Cena 3

Escuro total em cena. Ruído de motor de ônibus passando marcha. Nereida, subitamente, fala em tom relativamente baixo, como quem acaba de acordar, ainda confusa e irritadíssima.

NEREIDA

O que é isso? Puta que pariu o que-que é isso que me melou? (um foco de luz acende-se sobre ela passando as mãos nas coxas e cheirando os dedos, assustada). Que porra é essa?

Passam-se alguns instantes, até que Bilgueite surge em outro foco de luz.

BILGUEITE

Humilde com uma garrafinha de iogurte na mão, fala baixo

Desculpa, moça! O ônibus tá sacudindo muito e eu derramei iogurte em você sem querer. Eu estava voltando do banheiro e peguei no freezer.

NEREIDA

(lambendo o iogurte na ponta do dedo) Que merda, né garoto! (Fala com intenção de ofender Bilgueite) Gordo só serve pra isso, ocupar espaço e irritar as pessoas. Já não basta ocupar duas poltronas pra poder viajar, quando levanta sai perturbando o sono dos outros. Eu tava no terceiro sono.

BILGUEITE

Quase chorando

É de maracujá. Eu já pedi desculpas, moça. Você nunca derramou nada?

NEREIDA

Em tom baixo, mas com as mãos crispadas e olhos arregalados

Claro que já derramei coisas, mas não por causa da gordura.

BILGUEITE

Mas eu não derramei por causa da gordura, derramei porque o ônibus passou num buraco.

NEREIDA

É, não. Gordo é que come até de madrugada dentro de ônibus.

ODOACRO

Resmungando

Chiii... vamos parar com essa conversa aí, eu quero dormir!

BILGUEITE

Se afastando de Nereida

Boa noite, moça!

Nereida se cobre com uma manta e se vira para o outro lado, irritada e sem responder o rapaz.

Cena 4

Música. O dia amanhece. No telão, ao fundo do palco, surge a imagem do display do aparelho celular de José de Ribamar, que, em sua poltrona, escreve freneticamente. Ode ler o que está sendo escrito:

“Olá, gente. Tô na rua de S Luiz. Carnaval com reggae eh maravilhoso. Vcs tinha de tá aki!!! Sdd da turma. aki é blz. Muita cerveja gelada animação, mando + notícia depois.. bjsss.”

José de Ribamar coloca fones de ouvido, sintoniza, no celular, uma emissora de rádio local. A programação pode ser escutada no ônibus inteiro.

“... Rádio Triunfo, a rádio do seu carnaval. Hoje o dia promete calor acima dos 35 graus. É hora da folia. Não se descuide da saúde. Beba muita água e brinque sem medo nesta segunda-feira gorda. Abraços para dona Rosicléia e para seu Cordisberto na fazenda “Vagalume”. São seis horas e quarenta e quatro minutos no

sul do nosso amado Tocantins. A senhora precisa fazer compras nesta segunda-feira e não encontra nada aberto? O supermercado do Zé Pintado a senhora encontra aberto, com tudo fresquinho, carne bovina, peixes...”.

ODOACRO

Se espreguiçando e esfregando os olhos

AH, mais um dia nessa estrada sem fim!

Escutam-se o chiado dos freios e o ruído da porta aberta. O ônibus para. Uma conversa entre Edu Careca e alguém pode ser percebida através de palavras soltas, desconexas, como “carro amassou...”, “acidente chato...”, “quanto custa pra levar...”, “Araguaína, né?”, “obrigado, amigão...”. Logo entra no ônibus um homem com a pele bem tratada, modos finos, impecavelmente bem vestido com roupas de grife, tênis caros e novos, óculos e relógios caros, uma mochila pesada e limpíssima, contrastando com as bagagens surradas e sujas dos passageiros a bordo e pede licença para sentar-se ao lado de Meneceu, que está desocupado. Acomoda-se, olha ao redor, detém-se nos detalhes que deixam o interior do ônibus bastante desconfortável. Respira fundo e tenta cochilar.

Cena 5

O sol já vai alto. Ao lado de Meneceu, Marbello olha curiosamente para o livro que este lê, puxa conversa

MARBELLO

Perdão interrompê-lo, o senhor gosta de arte? (aponta para o livro, com ar de entendido no assunto) Leonardo da Vinci. É bom... A *Virgem dos Rochedos*, não?

MENECEU

É, entendo alguma coisa. Mas este livro aborda o lado inventor de Leonardo, o lado de criador de artefatos militares.

MARBELLO

Ah, sim, mas o senhor conhece de pintura?

MENECEU

Alguma coisa. (repete)

MARBELLO

Pintura espanhola, pintores espanhóis, você conhece? Goya, Velásquez... eu morei na Espanha por uns tempos e lá aprendi a gostar de pintura... tem também El Greco, que gosto muito (faz uma pausa de especialista e retoma a exibição de seus conhecimentos) Adoro os mais modernos, como Picasso, Dalí...

MENECEU

(interrompendo educadamente) Dalí era catalão, não era espanhol.

MARBELLO

Olha, vejam só, e não é que o senhor entende mesmo?! Claro, claro que Dalí era catalão (faz um gesto de quem descobre algo importante) Mas, quem não sabe que Dalí era catalão? Falo espanhol, porque a Catalunha é território da Espanha. Assim como Dalí, Miró, não é mesmo? (Meneceu faz uma cara de azedume). Mas onde o senhor aprendeu sobre artes desse jeito...

MENECEU

Desse jeito como?

MARBELLO

Desse jeito, assim, pra falar com certeza sobre o assunto.

MENECEU

(Agastado) Ah, a gente lê, né? Estuda... Já existem muitos livros de arte, além da internet.

MARBELLO

Ah, sim, mas nunca freqüentou museus no exterior?

MENECEU

Já fui a Buenos Aires e fui mais aos restaurantes e bares.

MARBELLO

Sei, sei. Então o senhor nunca foi à Europa e aos Estados Unidos?

MENECEU

Não! (Bastante incomodado com a conversa) O senhor tem cerveja aí nesta mochila?

MARBELLO

Lamentavelmente, não, meu amigo. Aliás, como é seu nome mesmo?

MENECEU

Meneceu. E o seu?

MARBELLO

Que nome estranho! O meu nome é Marbello, Antônio Marbello. Prazer (estende a mão e os dois se cumprimentam e ele retoma o assunto, sem se aperceber do desconforto de Meneceu) Ah, mas que pena o senhor não conhecer o Museu do Prado. (Fala deslumbrado, mas comedido para não parecer afetado) É uma Maravilha! Minha esposa, sempre que vamos a Madri, faz questão de ir até lá. Ela diz que nunca será capaz de conhecer tudo.

ODOACRO

Se metendo na conversa, vem com uma garrafa pet cheia de batida de amendoim (leite de onça)

Professor, o senhor aceita um copinho de leite de onça. Acabei de tirar do freezer, está geladinho! Desculpa, moço (olhando para Marbello), mas eu escutei o professor perguntar se tinha cerveja... aí trouxe a bebida da negrada aqui, bebida de pobre, leite de onça (enche um copo descartável, passa para Meneceu, que o pega e agradece). Oh, moço, você, o senhor, aceita? É cachaça, amendoim e leite moça...

MARBELLO

(Olha a garrafa na mão de Odoacro e faz um gesto de aversão contida) Não, não, ainda é muito cedo pra beber. Obrigado.

ODOACRO

Olha só, nem sabe o que tá perdendo. O professor tá tomando. Já são quase 10 horas da manhã e hoje é segunda-feira de carnaval, é carnaval... Aêêê, negrada! (sai com a garrafa, oferecendo pra quem está cordado)

MARBELLO

Olha vejam. Ele te chamou de professor. O senhor é professor de quê?

MENECEU

Não precisa me chamar de senhor. (Toma um trago de leite de onça) Sou professor de filosofia.

MARBELLO

Meu Deus! Um professor de filosofia num fim de mundo deste. E viajando numa lata velha destas. Não diga que não encontrou passagem de avião, ou pior, como foi o meu caso, o carro teve um problema e ficou à deriva na beira da estrada. Porque eu peguei este trambolho porque meu automóvel, um Volvo XC60 prata, novinho, atingiu um animal no meu da pista, acho que pelo tamanho era uma paca. Os freios são ABS, mas não teve jeito. Fez um estrago, meu amigo, você precisava de ver. Aí, eu fiz sinal e o motorista deste ônibus foi muito gentil e parou pra mim. Chegando em Araguaína, arranjo um guincho, mando buscar e consertar o essencial e sigo viagem. (Fala em tom de confidencialidade) Vou dar uma gorda gratificação para este motorista. Não é toda hora que encontramos pessoas boas assim.

MENECEU

É meu amigo. Parabéns pela sua sorte. Quanto à sua pergunta, não foi problema de passagem aérea e nem terrestre o que me fez vir neste ônibus. Eu e minha filha, que está sentada logo aqui atrás, simplesmente queríamos fazer uma viagem de um jeito diferente. Escolhemos esta aventura para chegar a Belém. Meu filho mais novo vai formar lá e nós estamos indo, sem pressa, para a cerimônia.

MARBELLO

Ah, que bacana. (Falando baixo e rindo) Mas que aventura e tanto hem Meneceu!

MENECEU

É, Marbello...

ODOACRO

Intromete-se, novamente, após escutar o comentário sussurrado de Marbello

Professor, fala pra ele que este já é o segundo ônibus que a gente pega. O primeiro ficou escangalhado em Ribeirão Preto...

Marbello respira profundamente e não fala nada por uns segundos longos. Depois pergunta, sem constrangimentos, peremptoriamente

MARBELLO

Quantos anos você tem, professor. Vou chamar você de professor. Pode?

MENECEU

(Acha a pergunta estranha) Pode, pode sim. Vou fazer 50 anos no mês que vem.

MARBELLO

Você ainda é muito novo! É muito novo. (Muda de assunto, empolgado e comedido, tentando conter o entusiasmo e parecer fino ao mesmo tempo) Olha só, professor, não tenho cerveja na mochila, mas tenho um livro que escrevi sobre minha vida. Uma autobiografia, modesta, mas honesta... hehehe. Acho que nunca é cedo ou tarde demais para se escrever uma autobiografia, não é mesmo? (Abre a mochila, de grife famosa, tira o exemplar de um livro não muito volumoso, e exhibe-o orgulhosamente a Meneceu). Gostaria de ter a honra de presentear-lo com este exemplar. Tive algumas ajudas valiosas para escrevê-lo, mas a história é minha. Será muita ousadia fazer uma dedicatória a um professor de filosofia?

MENECEU

Não, claro que não. Aceito com muito prazer. A honra é minha.

Marbello pega uma caneta na mochila, abre o livro e rabisca uma dedicatória

MARBELLO

Pro-fes-ssor... Men-ne-ceu, assim, com “cê”... O ônibus esta sacudindo muito... não repare na letra, é muito buraco, muito solavanco... (passa o exemplar para as mãos de Meneceu, que faz uma mesura agradecida). Neste livro, eu conto minhas aventuras... desventuras pelo mundo (faz uma pausa para demonstrar uma profunda meditação, comove-se) ... já fiz de quase tudo pra chegar onde cheguei...

Odoacro, um pouco Bêbado, interrompe inocente e abruptamente o momento de silenciosa meditação de Marbello

ODOACRO

E o senhor chegou aonde?

Bilgueite, que também prestava atenção à conversa de Meneceu e Marbello, responde com ar de sabichão

BILGUEITE

(Olhando para Odoacro) Como *chegou aonde*, mano? Você é muito tosco! Não vê que o homem ficou rico? Olha só o relógio dele. É um Rolex, e não é do Paraguai, não. É original (aponta para o pulso de Marbello e depois olha para os olhos dele) Esse não é um Rolex original?

Marbello olha para Meneceu e fica sem saber se responde ou não.

MENECEU

Você pode responder ao rapaz, sem medo, sem hesitar. O ônibus pode ser velho, as pessoas aqui são humildes, mas é tudo gente trabalhadora, seu (finge não lembrar o nome de Marbello) seu Coisinha...

MARBELLO

(Interrompendo, indignado)...“Coisinha”?! Meu nome é Marbello. Está escrito na capa do livro que o senhor tem em mãos. Como um professor de filosofia esquece do nome das pessoas assim?

MENECEU

(Mantendo a pose professoral) Pois bem, Marbello, eu quero dizer que aqui não tem ladrões, batedores de carteira ou gente que se aproveita dos outros. Você pode, sim, matar a curiosidade do rapaz, sem medo...

MARBELLO

(Num tom mais brando, mas sem deixar transparecer desconforto com as palavras de Meneceu) Que curiosidade... Não quis ofender ninguém. Me perdoem. É sim, o relógio é um Rolex original.

BILGUEITE

(Feliz por ter acertado) Viu, mano? Acertei, acertei! (Olha de novo pra Marbello) E é de prata, não é moço?

MARBELLO

(Irritado) Não, não é! É de ouro branco.

BILGUEITE

(Bate a palma da mão na testa e faz um gesto semelhante ao de quem vê seu time acabar de perder um gol) Puuuutz... quase!

ODOACRO

(Olhando com cara de bobo para Bilgueite, bebe um gole da leite de onça) É. Não é que você tá certo mesmo... como você sabe destas coisas?

BILGUEITE

(Fala alto e olha pra trás para ver se encontra Nereida) Mano, sou gordo, mas não sou burro, né!

MENECEU

(Falando para Bilgueite e para Odoacro) Vão para o assento de vocês, vão...

ODOACRO

Professor, quer mais leite de onça? (Meneceu aceita e coloca o copo na posição para que Odoacro encha-o)

MENECEU

Obrigado, basta.

Meneceu relaxa e cochila. Música

Cena 6

Hora do almoço. O ônibus ainda não chegou em Araguaína. Todos estão com fome. Alguns trocam lanches. Rui tira de um marmitex amarfanhado uma linguiça gordurosa e oferece-a espetada num garfo para Lucrecia, que pega com todo cuidado com a ponta dos dedos e come deleitosamente. Sanduíches e refrigerantes passam de mão em mão. Marbello aceita um sanduíche de mortadela e toma um copo de refrigerante.

RUI

Gente, quem quer refri? Tá geladinho. (Despeja refrigerante no copo de Nereida)

NEREIDA

Eu tenho coxinha aqui. Ainda tem duas. Quem quer? (Oferece para Bilgueite, como se desculpando da noite passada) Pega. Me desculpa, garoto, mas você sabe o que é estar dormindo e acordar num ônibus, todo no escuro, passar as mãos nas pernas

e encontrar uma coisa melada e fria? A gente termina falando o que não quer. Pega uma coxinha, pega.

BILGUEITE

(Sorrindo) Tá desculpada. Vou aceitar. Sou doido com coxinha.

ODOACRO

E com o que você não é doido, mano?

Risadas

Marbello, comendo o sanduíche, volta a puxar assunto com Meneceu

MARBELLO

Professor, me diga qual pintor espanhol que mais te agrada.

MENECEU

Olha, assim-assim, é difícil de dizer, mas eu gosto muito d'*As Meninas de Velásquez*, é quadro intrigante, gosto do quadro de Goya que tem o fuzilamento dos espanhóis que resistiram à invasão napoleônica... não sei, me prendo mais aos quadros do que aos autores. Gosto de Picasso, *Guernica* é um manifesto político... mas é difícil. Não sou muito de comparar gostos.

MARBELLO

Preciso confessar uma coisa, professor, eu também pinto. (Excitado com a conversa) Pinto nas horas que posso. Nas férias principalmente. Já até fiz exposições no Rio, em São Paulo e em Botucatu, onde tenho uma velha amiga que me ajudou no vernissage. Foi um sucesso. Vendi quatro quadros.

MENECEU

Mesmo?! Muito bom. Então quer dizer que, além de escritor, temos aqui também um artista plástico?

MARBELLO

Sim! Pode-se dizer assim. Até pergunto, perdoe-me a intimidade exagerada, você não se importaria de apreciar alguns de meus trabalhos?

MENECEU

(Meio desligado, mas educadamente) Não me importaria nem um pouco. Quando eu for ao Rio de Janeiro, aliás, a Angra dos Reis, a primeira coisa que farei é ir a seu ateliê.

MARBELLO

Não, eu estou falando é agora mesmo! (E tira o celular do bolso) Tenho muitas fotos. Registro quase todos.

MENECEU

(Olha pela janela do ônibus e faz um gesto de impaciência, mas mostra-se interessado) Pois vamos às fotos de seu trabalho!

Marbello coloca o celular numa posição em que fique bom para ambos poderem ver as imagens (que são projetadas na tela ao fundo do palco). Com uma música de fundo, escuta-se Marbello descrevendo as fotos.

MARBELLO

Ah, esta foto é tirada quando eu estava em Nova York trabalhando minha tela “Os Cães Vadios e o Lago Profundo”, veja, é no Central Park. Esta outra é no Jardim de Luxemburgo em Paris. Um dos lugares mais belos da cidade. Fica no sexto *arrondissiment*. É fabuloso trabalhar aqui neste relvado. Que verde! Que jardim. É majestoso. Ao fundo, fica o Palácio de Luxemburgo, o Senado francês. Minha família curte o local, senta nas cadeiras ou relaxa ao sol de primavera. Minha esposa, no canto, lê um livro. Pintava, neste dia, “A Harpia dos Olhos de Ametista”... (faz uma pausa) percebe-se o tema ecológico, não é professor. É uma tela de puro desabafo. O título inicial foi modificado. Coisas do mercado. Chamava-se Era “O Monstro Voador da Amazônia”.

MENECEU

(arregalando os olhos e pondo uma mão no queixo numa pose de profundo interesse cômico) Não diga! Que interessante.

MARBELLO

Aqui é Madri. Quinta Fuente del Berro. Um tesouro verde da cidade. (pausa para fazer um comentário sentimental). Ah, que saudades deste parque. Passear é um prazer para os sentidos. Ar puro. Este é um dos melhores locais do mundo para pintar, desenvolver a arte. Não me lembro qual trabalho eu estava realizando. Esta outra foto foi tirada no Parque do Ibirapuera... esta outra, à beira-mar, em Angra mesmo... (surge, de repente na tela, uma foto de um carro de luxo e em seguida uma moto possante) Ah, esta é uma foto de meu outro carro, um Porsche e de uma moto Ducati. Vamos passando... esta selfie foi tirada no Canadá...

MENECEU

Você não tem fotos das obras propriamente ditas? É só imagem de lugares, paisagens?

MARBELLO

Claro que tenho. Vamos adiantar aqui... vamos ver... ah, sim, aqui elas estão, este é tipo um mostruário para que eu enviasse a um marchand no Rio...

A música sobe de volume e as fotos continuam sendo projetadas no telão ao fundo, numa sucessão de diversos quadros, de gosto duvidoso, com traços amadorísticos e temas extravagantes. Retratos de pessoas, motivos mitológicos peixes exóticos, praias paradisíacas, faróis e arranha-céus. Ambos assistem as imagens no celular, em meio aos gestos incisivos de Marbello. As imagens passam no telão ao fundo.

3º ATO

Cena 1

Posto de gasolina. Todos estão dispersos pelo espaço do palco. Alguns sentados em cadeiras de mesas do restaurante, outros caminham. Alguns espreguiçam-se. Minervina isolada, sozinha numa mesa toma um suco e lê a Bíblia.

NEREIDA

Onde estamos? Que calor!

RUI

Verdade, o calor tá grande. Aqui é perto de Araguaína. A gente está a umas 14 horas de Belém. Se esse ônibus não quebrar mais uma vez e fizer só mais uma parada, a gente chega no Shopping Castanheira lá pelas 4 da manhã.

NEREIDA

Pois é. Se a gente não tivesse parado tanto, se o ônibus não tivesse quebrado tanto, a gente tinha chegado hoje pela manhã em Belém.

RUI

Verdade.

ODOACRO

(Se aproxima da mesa onde estão os Nereida e Rui com um copo de leite de onça na mão) É, mas tá sendo divertido. Eu fiz uns amigos. Ou vocês não são meus amigos a partir de agora? Êêêêê negrada! (e se afasta)

RUI

Acho que a melhor coisa que fiz foi decidir voltar pro Pará.

NEREIDA

Eu também, mano. Tô com muita saudade. Vontade de tomar açaí batido na hora, tomar tacacá com bastante jambu... chego a salivar...

LUCRÉCIA

(Se abanando com uma revista e afastando com as mãos mosquitos) Que calor que faz aqui, papai. Não sei como o senhor aguenta ficar de camisa social e calça comprida.

NEREIDA

É mesmo, professor. O senhor podia por uma bermuda, uma camiseta. (Bate nas canelas para matar mosquitos) Ah... eu tenho ódio desses bichos. Amo minha terra, mas isso é do capeta!

Minervina levanta a cabeça, interrompendo a leitura por uns momentos e retorna os olhos para a Bíblia.

LUCRÉCIA

Papai, cadê seu amigo riquinho?

ODOACRO

Pois é, professor, ele não largou do seu pé desde que entrou no baú até a hora que desceu. O cara é chato né? Não sei como o professor aguentou...

NEREIDA

Chato e cheiroso. Ô homem cheiroso. Tava num perfume bom demais. Espraiou o cheiro pelo ônibus todo.

ODOACRO

(Desdenhando) Achei meio catinguento...

Nereida e Lucrecia se entreolham e fazem um gesto de desaprovação ao comentário de Odoacro.

MENECEU

(Bocejando, demonstrando cansaço) O rapaz foi consertar o carro dele. Arranjou um guincho ali e foi atrás de dá um jeito de seguir viagem.

RUI

E vai sair caro o conserto, hein! Porque aquele carro é de barão mesmo. Muito fera o carro do cara. Ele vai pra onde mesmo, professor?

MENECEU

Ele me disse que vai até Paragominas. Ele tem fazenda e ele tem uns negócios pra resolver. O irmão dele toma conta de uma casa noturna por ali por aquelas bandas.

ODOACRO

(Sarcástico) Casa noturna? Pelas bandas de Paragominas? Isso é nome chique que o povo dá pra puteiro. Conheço tudo por ali.

NEREIDA

Nome chique pra puteiro que eles dão nome de puteiro chique. Ele disse o nome da Casa Noturna, professor? (fala a expressão “casa noturna” cheia de ironia).

MENECEU

Disse algo assim tipo... Boate Dois Irmãos...

Odoacro faz um gesto de que desconhece o estabelecimento.

RUI

(Rindo e galhofando) Gente, a gente podia pedir uma cervinha de graça lá, né. Só o tempo que ele alugou o ouvido do professor com aqueles papos de grã-fino...

NEREIDA

E você não quer também uma garota de graça às custas da paciência do professor, não?

Cheio das intimidades, sem maldade, Odoacro fala com Edu Careca.

ODOACRO

É, Edu, o barão te recompensou pela carona? Ele devia te dar uma boa gratificação. Ele naquela máquina e sem poder seguir viagem. Aparece esta lata velha e traz o...

EDU CARECA

(Não gosta muito do comentário) Humpf! Vai cuidar da sua vida, Odoacro. Me perdoa, mas às vezes você é inconveniente. (Sai com uma chave de roda na mão)

José de Ribamar vem do bar com duas garrafas pet cheias de leite de onça. Bilgueite traz uma caixa de cerveja e um saco com mantimentos.

RUI

Cara! Não dá pra variar o cardápio de bebida. Tô arrotando amendoim desde sábado à noite. Faz uma batida de outra coisa...

ODOACRO

Sai mais barato. Eu trouxe muito amendoim.

RUI

Bom, na falta de tu, vai tu mesmo. Leva essas *garrafa* pro freezer. Isso quente dá pra tomar não.

Bilgueite senta numa mesa, enquanto seu pai leva as garrafas para o ônibus e tira o fone de ouvido do celular e todo mundo pode ouvir Penny Lane, dos Beatles...

MENECEU

Que surpresa. Meu garoto... e eu pensando...

BILGUEITE

... que eu só gosto de comer, né professor? Eu tenho gosto musical. Não é só Beatles, eu gosto de rock... eu toco também... tenho uma banda...

NEREIDA

Ah, essa merece um brinde! (E levanta uma lata de cerveja) Ao Bilgueite!

ODOACRO

Sou mais o tecnobrega, também toco. Aqui no bagageiro do ônibus eu tô levando também um teclado. Minha vida é sair pelo interior, com minha moto e meu teclado. Tenho umas roupas muito doidas. O meu público gosta de me ver igual a uma árvore de natal... (levanta o copo de leite de onça) Ao Bilgueite!

MENECEU

(Batendo palmas e felicitando) Gente, ao Bilgueite que chama Stefano.

Todos fazem um brinde. A música dos Beatles continua tocando

Cena 2

A música dos Beatles continua a tocar, enquanto no interior do ônibus Minervina lê a Bíblia, Lucrécia lê um romance, José de Ribamar mexe no celular e Stefano escuta algo com o fone de ouvido. Os outros, todos, batem papo, gesticulam, bebem e beliscam alguma coisa, como numa confraternização.

Subitamente, todos param sua atividade e ficam parados por um instante, sem entender o que está acontecendo. A música baixa de volume e os passageiros fazem cada qual um gesto de insatisfação, tristeza e irritação.

MINERVINA

Misericórdia! Prego de novo?! E coisa do inimigo mesmo! Meu senhor, desse jeito a gente não vai chegar nunca.

MENECEU

(Entredentes, xinga) Merda! Merda!

ODOACRO

Êêêêê, negrada! Num falei! Aí, ó... o baú morreu de novo

JOSÉ DE RIBAMAR

Morreu ou tá matando a gente de raiva? Que-que foi dessa vez, Edu?

EDU CARECA

(Gaguejando, fala, constrangido, com os passageiros) Ainda não sei. Vou descer pra ver. Mas parece que não é nada de motor. Acho que tem a ver com pneu, suspensão...

RUI

(Apoiado na bengala) Puta que pariu! E eu aí dizendo que a gente ia tomar o café da manhã na Cabanagem, comer tapioca na entrada de Belém. Não bastasse o calor, tem esses mosquitos dos infernos. (Bate palmas freneticamente, tentando matar mosquitos)

MENECEU

(Parecendo sem ânimo) Odoacro, meu amigo, me traz uma cerveja. Lá do fundo...

ODOACRO

É pra já professor. Seu desejo é uma ordem.

LUCRÉCIA

Por que eu não tomei banho naquele posto, pai? Tô fedida, me sentindo imunda...

NEREIDA

Eu também, mana. Mas eu pensei que não dava tempo. Quando acabar, até sobrou tempo.

Odoacro entrega uma cerveja na mão de Meneceu.

EDU CARECA

(Surge na porta do ônibus) Gente, preciso da ajuda de dois de vocês. É coisa rápida, eu acho.

Todos os homens se prontificam.

ODOACRO

Deixa que eu e o Zé vamos, né Zé?

JOSÉ DE RIIBAMAR

Opa, é com nós mesmo.

Os dois descem do ônibus. Por um tempo, escutam-se as vozes dos rapazes que estão no conserto do ônibus.

Depois, o carro de Marbello encosta ao lado do ônibus.

MARBELLO

(Solicito) Algum problema? Posso ajudar?

EDU CARECA

Opa! Rapaz, é alguma coisa na suspensão. Mas pelo visto, a gente se vira sozinho. Logo ele tá rodando de novo.

MARBELLO

Se for o caso, eu posso mandar um guincho pra cá. Sei lá. A gente tá a menos de 200 quilômetros de Paragominas. E já vai escurecer. Vocês que sabem.

EDU CARECA

Obrigado mesmo, mas a gente dá conta.

MARBELLO

Ok, então. (Faz uma pausa) agora, se alguém quiser uma carona pra adiantar alguma coisa. Porque eu vou parar num posto de gasolina que tem de tudo. Banho, janta, lanche... É o posto do Heitor, conhece motora? Na verdade, fica bem perto da casa noturna que eu tinha falado procês.

EDU CARECA

Conheço, sim, o posto do Heitor. Sei onde é.

Meneceu olha pra filha e sinaliza que não quer ir com Marbello de jeito nenhum.

Ela, por sua vez, olha para Nereida e entram em concordância com gestos.

LUCRÉCIA

(Sorrindo gentil) Bom, se não for realmente incômodo, eu e a Nereida aceitamos a carona. Precisamos muito tomar um banho. Apesar de estar um pouco perto de Belém, mas do jeito que a coisa anda...

MARBELLO

Claro que não incomoda. Vai ser um prazer poder retribuir. E, como eu disse, lá tem como tomar banho e tudo mais. (Olha para todos) Tem mais alguém que queira ir, tem mais dois lugares.

Meneceu passa por José de Ribamar e fala algo ao seu ouvido. José de Ribamar balança a cabeça quase imperceptivelmente.

JOSÉ DE RIBAMAR

(Olhando para Marbello) Nós vamos também. Preciso comprar umas coisas e não deu tempo em Araguaína.

MARBELLO

“Nós” quem?

JOSÉ DE RIBAMAR

Eu e meu filho, Stefano.

Marbello olha para Stefano de cima abaixo, faz uma cara de desagrado, mas contém as palavras que quis dizer

MARBELLO

Ok, você vai atrás mesmo. Se apertando dá. (falando com Stefano) Eu ia perguntar se a moça ali não quer ir (Minervina está em um canto um pouco escuro). Acho que deve ser chato para mulher ficar num lugar onde só tem homem. Mas agora o carro encheu, e muito.

MINERVINA

(Fala de seu canto escuro) Tem problema não. Eu não tenho problema com a presença de homem. E sozinha a gente nunca está. Eu tenho meu Senhor Jesus. Obrigada.

Os quatro entram no carro.

MARBELLO

Então vamos, né. Eu desejo boa sorte a vocês.

O carro parte, e Meneceu olha para Minervina, desconfiado de alguma coisa, mas fica calado.

Cena 3

Noite. Todos que ficaram, exceto Minervina, estão ao redor do pneu que está no centro do conserto do ônibus.

MENECEU

Será que eu devia ter dito a Lucrecia pra não ir. Aquele rapaz estava meio estranho, vocês não acharam?

EDU CARECA

Pai é assim mesmo. Sempre preocupado com as crias. Não acho que ele possa ser má pessoa, não, professor. Parece que o jeitão dele mesmo, elétrico, aceso. E sua menina já é mulher feita. As duas, né. E foram acompanhadas com o Zé e com o menino.

ODOACRO

Êêêê, negrada! Deixa a menina, professor, ela tava reclamando que precisava banhar. Foi até acompanhada da Miss... Miss Tapioca e daqueles pomba-lesa.

MENECEU

É, acho que estou me preocupando à toa. Coisa de pai mesmo.

ODOACRO

Isso aí, professor Meneceu. Quer mais cerveja? Ainda tem umas duas...

MENECEU

Não, Obrigado. Mas, Odoacro, mudando de assunto, me diz uma coisa: você com essa coisa de “Rei do Brega”, você gosta mesmo do que você toca ou é só pra ganhar a vida?

ODOACRO

Ô professor, não me decepcione. Logo o senhor? Tão inteligente. Eu sou, de fato, o “Rei do Brega do interior do Pará não é à toa. É porque o senhor só me conheceu dentro dessa caixa de fósforo sobre quatro rodas. A gente, quando entra num ônibus pra uma viagem longa dessa, não tem mais ninguém, mais nada, só o descampado, os amigos que a gente tem a sorte de fazer na viagem e a misericórdia de Deus. Eu faço muito sucesso por aí, pelo interior do estado porque amo o que faço e a música que toco.

Meneceu fica calado e sorri para Odoacro.

RUI

Será que já deu tempo de eles terem chegado em Paragominas?

EDU CARECA

(Mexendo nas engrenagens do ônibus) Claro! Com aquela máquina que o cara tem, já deu pra chegar, tomar banho e ficar só de espera... (Subitamente sorri, solta um suspiro e olha para os passageiros) Pronto! Agora vai! Agora a gente segue. (olha para Meneceu) Vamos, professor, encontrar com o povo que nos espera, com sua filha.

Todos entram no ônibus. Edu Careca dá a partida e o ônibus sai tranquilamente, sem problemas para seguir a viagem.

Cena 4

Noite. O ônibus segue estrada adiante tranquilamente total. Minervina anda pelo corredor nervosamente.

ODOACRO

E essa moça que não para de andar pelo corredor? (Fala com Minervina) Irmã Minervina, você quer uma cerveja? É isso que tá te agoniando? É só dizer, a gente não vai levar a mal. Não é mesmo professor? Às vezes tá com vontade de um gole e tá sem graça.

Minervina para de andar de uma vez. Coloca as mãos na cabeça, faz um ar de desespero e começa a falar. No começo baixinho.

MINERVINA

Eu lutei pra não falar, mas acho que não é certo ficar calada. Tenho de contar o que tá acontecendo, principalmente pra o senhor, pra você, professor, que foi legal comigo durante a viagem toda. (Começa a chorar) Primeiro eu quero pedir perdão a vocês. (Põe os olhos sobre o Meneceu e depois baixa a cabeça) Perdoa, professor, eu não fui correta. Não sei por onde começar. (Contem o nervosismo por um instante e fala em tom seco) Eu conheço aquele homem.

MENECEU

Homem? Que homem?

MINERVINA

Aquele homem rico. O do carro chique.

MENECEU

Sim, você conhece o Marbello, e daí? De onde você conhece ele?

MINERVINA

É esse o problema. Eu... eu conheço ele de outros tempos de minha vida. Da vida que abandonei definitivamente para entregar minha alma ao Senhor Jesus, meu Salvador. Conheço ele de um tempo que eu quero esquecer, sepultar de vez. Eu tinha prometido a mim mesma não falar jamais desta fase de minha vida a ninguém, a não ser como testemunho na igreja. É um passado que não interessa a ninguém. Mas agora, vendo sua preocupação com Lucrecia, sua filha, professor, eu tenho de falar. (Volta a chorar) Eu trabalhei pra ele, pra ele e para o irmão dele.

ODOACRO

Então ter trabalhado é motivo pra chorar? A gente sempre trabalhou pra alguém nessa vida, irmã...

MENECEU

(Interrompe Odoacro) Pssssi... deixa a menina falar, Odoacro. Você trabalhou...

MINERVINA

(Solta as palavras como palavras doloridas) Eu fui puta! Puta! Vocês sabem o que é isso. Com 15 anos de idade comecei a vender meu corpo numa outra casa noturna deste mesmo homem que deu carona no carro chique. (Fala com muita angústia) Foi em Marabá. Lá eles tiraram minha honra, meu futuro, minha alegria de menina. Ai meu Deus! Aquele homem é mau, muito mau. Ele tem uma casa perto de Marabá pra onde ele leva as meninas que ele quer deflorar e fica com elas por dias, semanas. Comigo foi assim. Fiquei na casa dele tantos dias que perdi as contas. Depois de usar e abusar da gente, ele manda pro cabaré do irmão dele. Eles são dois demônios. Ele ficou aqui neste assento da frente, todo perfumado, trocando ideias com o professor, cheio de modos grã-finos, falando de arte e coisas bonitas, mas vocês não têm ideia de quem ele é. É um monstro que veste roupas de luxo. (Faz uma pausa, respira fundo) Na casa dele em marabá, tem um quarto que é cheio destes brinquedinhos pra fazer sexo. Pênis de borracha, chicotinhos, algemas,

coletes, braceletes, colares cheios de pinos de aço pra machucar mesmo. O quarto da luxúria, do pecado. Tenho nojo só de lembrar. O opróbrio e a iniquidade, como diz na Bíblia, é pouco pra descrever o que esses homens fazem com as meninas pobres que eles pegam no interior. Pegam sem dó, prometendo mil coisas, e deixam as coitadas como eu, igual bagaço de cana chupada. (Olha mais uma vez para Meneceu) Não falei na hora, professor, porque fiquei com muita vergonha. E também fiquei com muito medo de que ele me reconhecesse... eu consegui fugi do bordel. Fugi pelo mato. Andei uns três dias pela floresta até encontrar um povoado que me desse refúgio. Uns missionários me levaram pra São Paulo e me deram moradia e comida. Decidi retornar pra encontrar uns irmãos em Belém. Aí dou de cara com esse sataná! Foi isso que aconteceu. (Volta a chorar convulsivamente)

MENECEU

Minervina, eu... eu não sei o que dizer. Mas você não tem culpa de nada. Nós vamos encontrar Lucrecia e o pessoal. Não fica assim, não.

RUI

Edu! Dá pra acelerar mais esse baú? Mais ligeiro, mano. Caso de urgência.

MINERVINA

Professor, eles são maus. Quando eu digo isso é porque eu sei. O capeta que estava aqui no ônibus, circulando entre nós, como uma pessoa normal, ele sai pra mata pra capturar e matar animais que o povo diz que está em extinção. Ele tem na parede da casa dele em marabá, eu vi, não ninguém que me contou não, ele tem troféus de bichos raros, que nem tem aqueles animais nos filmes de antigamente. Ele tem também, num pedestal, uma águia empalhada, uma harpia, enorme, com os olhos de vidro. Ele me deixou andar pelos cômodos da casa. Isso ele não deixa qualquer uma, não. Lá frequenta tudo que é gente graúda. Políticos, donos de lojas, estrangeiros. Lá eles discutem como vão derrubar as árvores pra plantar soja, pra criar gado. Eles invadem terras de índio e de gente pobre, mandam matar o povo dos sindicatos. Eles são gente ruim. Eu fiquei lá foi tempos. Hoje estou liberta. Acho que estou...

RUI

Edu, aonde é que começa a pegar sinal da internet? Até aqui tá tudo apagado.

EDU CARECA

Mais alguns quilômetros e acho que já tem.

Entra uma música, enquanto Minervina chora miudamente.

Cena 5

Noite. Silêncio quebrado pelo toque do telefone de Meneceu, que atende rapidamente, mas sem fazer alarde.

MENECEU

Alô, Lucrecia. É Você, minha filha?

Do outro lado da linha a voz de Lucrecia sai metálica, após Meneceu colocar o celular em viva-voz.

LUCRÉCIA

Alô, pai... pai, sou eu, Lucrecia.

MENECEU

Ah, como é bom ouvir sua voz, filha. Tá tudo bem com vocês?

LUCRÉCIA

Tudo bem, pai, com a gente, tudo bem, graças a Deus.

MENECEU

Por que *com vocês, tudo bem?* (destaca as palavras “com vocês, tudo bem”)

LUCRÉCIA

Pai, esse tal de Marbello é o maior calhorda, filho da puta.

MENECEU

Fiquem longe dele.

LUCRÉCIA

A gente descobriu que ele veio de Angra dos Reis, daquela lonjura, só pra desvirginar uma menina de 14 anos aqui, pai. (fala aflita) O cara é um monstro. Puseram a menina tipo prisão domiciliar na tal casa noturna que o irmão dele toma conta. Essa menina é prima da Nereida. Não sei como, mas a gente tem que tirar ela de lá, pai. Ela vai virar escrava sexual desse patife...

Todos no ônibus escutam o celular, atentamente.

MENECEU

E como é que vocês descobriram tudo isso, minha filha?

LUCRÉCIA

O cachorro do tal Marbello parou o carro num bar na beira da estrada dizendo que ia ao banheiro. Demorou e foi muito. Aí a Nereida foi bisbilhotar o celular que ele deixou e abrindo umas mensagens ela descobriu fotos da prima dela, Netinha. Os caras já deram até nome de guerra pra coitada, “Lulu Malagueta”. Olha só, pai. Ele marcou com o irmão dele para pegar a menina às 11 horas de hoje.

RUI

Que horas são? Quem tem a hora?

MENECEU

São dez pras dez.

RUI

Quanto tempo falta ainda pra a gente chegar nesse posto, Edu?

EDU CARECA

Ainda falta uns 40 quilômetros. Com esse carro do jeito que anda, a gente talvez chegue em 45 minutos, arriscando muito.

MENECEU

(Falando com Lucrécia no celular) Filha, a gente deve tá chegando aí. Não perde ele de vista, se possível, mas não puxa papo também. Ele pode desconfiar de alguma coisa. Beijo.

LUCRÉCIA

Beijo.

MENECEU

(Para Edu careca) Edu, acho que já deu pra entender a urgência da coisa, né? Temos menos de uma hora pra chegar

Meneceu então faz uma roda com todos, próximos à direção do ônibus, para que Edu Careca participe, e começa a falar. A luz diminui e o som aumenta.

Cena 6

O cenário está dividido em dois. De um lado, o ônibus, com Meneceu sozinho. É deste lado que o display dos celulares enviando mensagens é projetado ao fundo. Do outro lado, o interior de um bordel, iluminado de vermelho, um teclado num canto, um segurança na entrada, uma mulher atrás de um balcão com bebidas e mesas espalhadas. Odoacro, com indumentária extravagante de artista tecnobrega entra e começa a tocar. Neste hiato, Marbello entra no ônibus para conversar com Meneceu. As luzes do bordel e o som do tecnobrega diminuem até desaparecerem totalmente.

No telão ao fundo, no display do celular de Meneceu, surge a mensagem de Lucrécia: “Pai, a gente disse que você queria falar com ele e mandamos ele aí pro ônibus. A bola tá com o senhor. Tá td certo até agora conforme o combinado. Odoacro, Edu e Rui já tão prontos para ação. Quando ela sair, aviso.”

Marbello entra meio agitado no ônibus onde apenas Meneceu o espera.

MENECEU

(Fazendo recepção festiva) Ora, ora, e não é que ele veio mesmo? Bom te ver. Perdão por fazê-lo vir até aqui, mas não posso sair do ônibus, lamentavelmente torci o tornozelo.

MARBELLO

(Um pouco tenso, mas cordial) Sem problema, mas tenho de dizer que só vim porque é você, professor, meu tempo tá contado. Tenho um compromisso já já.

MENECEU

Calma, dará tempo. É uma conversa rápida. Pensei muito desde a nossa conversa hoje pela manhã. (Oferece uma lata de cerveja para Marbello que pega-a, abre-a e toma um largo gole) Relaxa aí, amanhã ainda é terça-feira de carnaval.

Marbello limpa as narinas constantemente com o polegar e o indicador, olha o relógio e toma outro gole de cerveja.

MARBELLO

Meu compromisso é com uma garota. Eu sempre fico assim, excitado, ansioso. Marquei para as 11 horas. Estou em cima da hora. Não gosto de atrasar, tenho medo de que ela desanime e vá embora.

MENECEU

Entendo. (Fala em tom severo) É uma mulher não deve esperar. Mas se eu fosse você, não me preocuparia tanto. Quem teria coragem de deixar uma pessoa como você na mão por causa de um atraso de minutinhos? Um homem poderoso pode ser esperado. Qual mulher não gozaria do mais puro prazer apenas com sua presença cavalheiresca, (fala cada qualidade pausadamente) atlética, bom papo, homem culto, viajado, atlético e artista? Um macho-alfa!

MARBELLO

Bondade sua, professor. Já fui desprezado uma vez... na Itália.

MENECEU

Não, não! É a pura verdade. Mas, se você me permite, vamos direto ao ponto. Eu gostaria de fazer uma proposta a você, meu amigo.

MARBELLO

Proposta? Que tipo de proposta?

MENECEU

Respondi à sua curiosidade quando me perguntou minha idade. Avizinho-me do meio século. E devo dizer que desairosamente ainda não obtive sucesso para realizar os três itens que fazem de um homem um homem, segundo aquele conhecido mandamento chinês: ter um filho, plantar uma árvore e fazer um livro. A filha você já a conhece, aquela beleza de mulher, inteligente, não me dá trabalho... (Marbello interrompe Meneceu e dá três tapinhas no relógio) já chego lá. A árvore foi plantada há muito tempo, um coqueiro no sítio de meu ex-sogro. Mas o livro, ah, o livro...

MARBELLO

Hum, já entendi. Você precisa de um apoio financeiro?

MENECEU

Não, não entendeu tudo ainda. Eu gostaria de propor a você uma parceria. (Faz uma pausa um pouco longa para ganhar tempo) Tenho muitos textos guardados em minhas gavetas, garatujas empoeiradas. Se eu juntar tudo, pode sair coisa boa, mas... preciso que você leia meus escritos...

MARBELLO

(Agoniadíssimo) Eu... ler seus escritos?

MENECEU

Isso mesmo. Seria uma honra para mim ter suas ilustrações assinando meu tratado sobre epistemologia da poesia oral do Baixo Tapajós. Você é a pessoa ideal para esta tarefa. Um artista conceituado internacionalmente, um homem de bom gosto... (Meneceu faz uma pausa para olhar o celular)

No bordel, as luzes acendem-se novamente e o som Odoacro retorna tocando tecnobrega. Minervina conversa algo com a mulher do balcão sem se que se ouça a conversa. Parece um encontro de amigas íntimas que falam sobre algo sigiloso.

*O display surge novamente no telão ao fundo. Nova mensagem, agora de Lucrecia:
"Pai, enrola o cara + um pouco e vamos conseguir"*

A luz e o som decrescem novamente até desaparecerem.

MARBELLO

(Tira do bolso um cartão e entrega a Meneceu) Aqui está meu cartão, professor. Pode me procurar na semana que vem. Já estarei de volta ao Rio de Janeiro. Achei sua ideia muito atraente e fico sinceramente muito agradecido por suas palavras lisonjeiras e com sua proposta. Vou pensar com carinho. (Levanta-se para sair, já oferecendo a mão para que Meneceu cumprimente-o)

MENECEU

(Puxa-o pelo braço e quase o obriga a se sentar novamente) Só mais uns detalhes, meu amigo. Eu me esqueci de falar sobre seu trabalho sobre a harpia...

MARBELLO

Depois, depois... a gente se fala por whatsapp, telefone...

MENECEU

Não, depois não. Mais um minuto. Prometo liberá-lo para seu encontro romântico. Por favor...

Marbello reluta em se sentar.

MARBELLO

Nem um minutos. (E vai saindo)

MENECEU

Um minuto só... (Olha nova mensagem no celular)

A luz do bordel e o som retornam. Rui acerta um golpe de muleta na cabeça do segurança, que cai. Logo surge José de Ribamar e Edu Careca para puxar o segurança, inconsciente, para fora do cenário. Rui faz um sinal para Minervina, que está no balcão conversando, e para Odoacro. Minervina faz um sinal de “bico calado” para a mulher do balcão e, junto com Odoacro, saem do cenário.

A mensagem de Lucrecia surge: “Só + cinco minutos, pai.”

MARBELLO

Não dá mais, professor, tenho de ir. (E vai saindo)

MENECEU

Sua harpia será de grande valia... Marbello, Marbello... (Fala alto e forte) Ah, quer saber de uma coisa? O que eu acho do seu trabalho? (Marbello volta o olhar para trás e encara Meneceu com surpresa) Olha só, eu acho seu trabalho um horror!

MARBELLO

(Incrédulo) O quê?

MENECEU

É isso mesmo, seu trabalho é uma bosta, Tinta demais, cores berrantes, temas sobre a aristocracia decadente da Europa. Uns prédios tortos... Pra ser colocado em exposição só pagando muito caro.

MARBELLO

Como se atreve seu, seu fracassado, velho frustrado... um velho que nem conhece a Europa e banca o entendido em arte...

MENECEU

Seus quadros não vendem nem em porta de cemitério. (Imita Marbello, ridicularizando-o) Ai, porque eu fiz exposição em Botucatu, pinte nas geleiras do Alasca, fiz uma águia piscando pedra preciosa... (Volta a falar normalmente e em alterações insultuosas) Sua arte é tudo comprada, igual mulher compra peito...

MARBELLO

(Estupefato, voltando furioso para cima de Meneceu) Você é doido é, professor? Ou o quê? Agorinha mesmo, tava elogiando meus trabalhos e agora tá chamando

de bosta? Frustrado! Professor, você sabe o que eu faço com gente da sua qualidade? Mando lavar meus pés num balde de prata com cerveja importada. Não me provoque que não sabe do que eu sou capaz. (Ameaça desferir um soco em Meneceu)

MENECEU

(Debochando pra ganhar tempo) Botucatu... Botucatu. Vou te chamar a partir de agora de Botucatu...

MARBELLO

Eu já fiz artes marciais, professor, não me provoque...

MENECEU

Audácia! Se luta artes marciais igual faz artes plásticas...

MARBELLO

Vou acabar com você...

MENECEU

Ah, o cavalheiro agora virou homem das cavernas? Você não vai bater num professor, não é mesmo? Seu dinheiro não te compra serenidade, não? Bufão! Ah, antes que eu me esqueça:, sabe a única coisa realmente de valor no seu livro? É a qualidade do papel, é gostoso de manusear, papel pólen soft 80... papel de luxo pra imprimir cocô... Botucatu!

Marbello dá um soco na cara de Meneceu, que cai e fica com a mão no olho. Marbello sai do ônibus, bufando de ódio, e sai de cena. Após um prazo de tempo silencioso, surge o ronco de um motor de moto que entra pelo lado oposto que saiu Marbello. As luzes acendem-se e todos os passageiros e Edu Careca entram no ônibus ao som de uma música. Levantam Meneceu, que está caído. Netinha desce da garupa da moto e Odoacro também. Netinha abraça Nereida, Lucrecia beija o pai, Edu Careca e Rui pulam e riem Odoacro pega Minervina pela mão, puxa-a para si e beija sua boca com paixão.

EPÍLOGO

O ônibus segue.

ODOACRO

Professor, estamos chegando. O que será que aconteceu com o talzinho? Nós esvaziamos os pneus do carro dele...

MENECEU

Sei não, Odoacro. Você que é artista, escuta essa estorinha, pra vê se te inspira alguma música.

Chove na Amazônia, na minha Amazônia, minha amada planície sedimentar; pátria ondulada, flor de florestas oceânicas, verdoceânicas... hidrófilas, pejadas pelo piscar dos pirilampos; esconderijo das aranhas de ventre prateado e morada dos doces tambaquis, dos rudes pirarucus. A nova velha fronteira do latifúndio não recua frente aos sólidos lagartos vesgos distraídos e desconhece a valsa das borboletas, e contrabandeia papagaios que não falam palavrão. Então o jacaré-de-papo-amarelo encolhe-se em sua água, o bicho-preguiça corre, pois já'evém os tratores, as motosserras, já'evém o inferno verde-cinza das queimadas, invernadas inventadas para o gado taciturno, queimadas para as pastagens da escravidão e do

silêncio cru, silenciosamente rompido à bala num piscar de capivara. E quando a clorofila salgar as folhas do pé-de-taperebá e a casca das castanhas se arrepiarem, a serpente de língua bífida da opressão ameaçará a vida. A ambição incontida fará derrubar homens como se derrubam ramos de açaizeiro no açaizal, deixando de seus frutos os caroços espalhados no chão. Mas seus filhos se erguerão num exército altaneiro e audaz neste solo sagrado e o defenderá, aqui, onde regurgita bauxita, manganês e urânio e o sangrento minério de ferro – ferro-gusa, pesado e tartamudo, que cruza oceanos para erguer feéricas torres de aço em remotas metrópoles continentais. Seu ouro e sua madeira retirados à luz do dia e suas ervas medicinais surrupiam-se ao clarão da lua, em nome da beleza da madame, em nome da cosmética e da eterna juventude. A farmacologia te mira, te admira e seqüestra seus óleos essenciais.

Meneceu faz uma longa pausa, toma um longo gole de cerveja na lata.

Há de chegar o dia em que esta gente se insurgirá com bordunas de fogo, como velhos cabanos olvidados pelo tempo, e a natureza se vingará acudida por formosas Iaras iradas, e as matintas-pereras anunciarão os triunfos no alto de samaumeiras milenares, e o esplendor retornará com os tubérculos da macaxeira em flor; e os pequenos muiraquitãs, com seu verdume assustador, festejarão a vitória contra a infâmia, a violência, a desonra e o medo... E as saúvas reorganizarão suas alegres filas para inventar novos caminhos, depois que o deus-Tupã dissipar os mil ventos deletérios da malária em fúria e assoprar para longe os pardos rolos de fumaça de CO² - que nada mais são do que cadáveres gasosos de árvores assassinadas sendo sepultas no céu. O uirapuru, ah, o uirapuru saltará de seu galho dourado e convocará, com o encanto de seu canto, as harpias, as panteras-pintadas e o Boitatá – outros outrora feridos de morte –, para celebrarem o novo amanhecer no mato, quando então demarcarão seu território, com bosta e mijo perfumados. Por fim, os seres da floresta, neste dia – chuvoso como hoje – recuperarão para si, mais uma vez e pra sempre, a liberdade de sua atmosfera luminosa e de suas águas eternas descendo pelos rios mansos e silenciosos como a paz de curumins adormecidos.

Toca a música “Chorando se foi”.

CAI O PANO

